

UMA ANTOLOGIA DE LITERATURA INDÍGENA

INDÍGENOS

LIA MINAPOTY ALINE NGRENHTABARE L. KAYAPÓ
ARIABO KEZO EDSON KRENAK TIAGO WAKIY
EDSON KAYAPÓ ESTEVÃO CARLOS TAUKANE
CRISTINO WAPICHANA JERA POTY MIRIM
ROSI WAIKHON YAGUARÉ YAMÁ
JAIME DIAKARA

ORGANIZAÇÃO E ILUSTRAÇÕES
MAURICIO NEGRO


Companhia das Letras

A menina Yacy-May era tão especial que fez com que o Sol se apaixonasse por ela, deixando a Lua enciumada. O peixe-boi surgiu a partir da união de Guaporé, filho do grande chefe dos peixes, com Panāby'piã, filha do governante dos Maraguá, e simbolizou a paz entre os humanos e os peixes. A velha misteriosa Pele-nosamo um dia tem a casa invadida por uma garota curiosa, que resolve investigar o que ela fazia com os galhos secos que sempre levava para sua casa. Essas são algumas prévias das histórias reunidas nesta antologia, contadas ou recontadas por escritores das nações indígenas Mebengôkré Kayapó, Saterê-Mawé, Maraguá, Pirá-Tapuya Waíkhana, Balatiponé Umutina, Taurepang, ʘmu-ko Masá Desana, Guarani Mbyá, Krenak e Kurâ-Bakairi.

Tratando dos mais diversos temas — de mitos de origem a histórias de amor impossível —, as

NÓS

UMA ANTOLOGIA DE
LITERATURA INDÍGENA

ORGANIZAÇÃO E ILUSTRAÇÕES

MAURICIO NEGRO


Companhia das Letrinhas

Copyright do texto © 2019 by Vários Autores
Copyright das ilustrações © 2019 by Mauricio Negro

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou
em vigor no Brasil em 2009.*

Composição
YUMI SANESHIGUE

Tratamento de imagem
AMÉRICO FREIRIA

Revisão
NINA RIZZO
LUCIANA BARALDI
ISABEL CURY
ANGELA DAS NEVES
VALQUÍRIA DELLA POZZA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nós : uma antologia de literatura indígena /
organização e ilustrações Mauricio Negro. — 1ª ed.
— São Paulo : Companhia das Letrinhas, 2019.

ISBN 978-85-7406-864-0

1. Índios — Literatura infantojuvenil
2. Literatura indígena 3. Literatura infantojuvenil
I. Negro, Mauricio.

19-24879

COD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

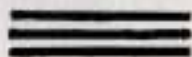
Maria Aílica Ferreira — Bibliotecária — CRB-8/7964

2019

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP — Brasil
☎ (11) 3707-3500
🌐 www.companhiadasletrinhas.com.br
🌐 www.blogdaletrinhas.com.br
📺 /companhiadasletrinhas
© companhiadasletrinhas



SUMÁRIO



APRESENTAÇÃO

Nós. Mas, afinal, nós quem?, por Mauricio Negro

9

AMOR ORIGINÁRIO

Povo mebengôkré kayapó,
de Aline Ngrenhtabare L. Kayapó e Edson Kayapó

15

WARIPORIA, A ORIGEM DO AÇAÍ

Povo saterê-mawé, de Tiago Hakiy

29

GUARÛGUÁ, O PEIXE-BOI DOS MARAGUÁ

Povo maraguá, de Yaguarê Yamã e Lia Minápoty

39

YAWARETÉ AÇU, O JABUTI E A ONÇA-PINTADA

Povo pirá-tapuya waikhana, de Rosi Waikhon

49

JIBIKÍ PORIKOPŌ, O FURTO DA PANELA DE BARRO

Povo balatiponé umutina, de Ariabo Kezo

57

WATÓ, A PEDRA DO FOGO

Povo taurepang, de Cristino Wapichana

69

W̃H̃H̃ SIBURU, PENEIRA DE ARUMÃ

Povo umuko masá desana, de Jaime Diakara

81

OS RAIOS LUMINOSOS

Povo guarani mbyá, de Jera Poty Mirim

93

POKRANE E KREN, POR QUE NÃO HAVIA GÊMEOS ENTRE OS KRENAK

Povo krenak, de Edson Krenak

107

KAUDYLY UMENOBRY, NOS PRIMÓRDIOS DOS TEMPOS

Povo kurâ-bakairi, de Estevão Carlos Taukane

119

NÓS. MAS, AFINAL, NÓS QUEM?



MAURICIO NEGRO

A antologia que você tem em mãos é um desafio que me dispus a organizar e ilustrar e poderia ter muitos nomes, emprestados das mais de 275 línguas indígenas, que já foram mais de mil quando os europeus desembarcaram no pré-Brasil.

Imagine a infinidade de histórias inspiradoras, narradas pelos mais velhos aos mais novos, ao redor de uma fogueira na boca da noite! Pois bem, algumas dessas narrativas já foram coletadas e registradas por pesquisadores, especialistas, acadêmicos, tupinólogos, curiosos e aventureiros. Só que as dez histórias reunidas aqui são narradas por escritores indígenas, legítimos herdeiros de diferentes etnias, que oferecem uma oportunidade de desatar alguns desses "nós".

Afinal, quem somos nós? De onde viemos? Para onde vamos? Os indígenas são aqueles que de fato pertencem ao lugar. Nativos, como dizem. Gente da terra, com a qual mantém uma relação de profunda dependência, interação, respeito e parentesco. Índio, caipira, caboclo, caiçara, ribeirinho, quilombola, camponês, interiorano — cada qual sob sua cultura,

língua, costumes, tradições e território —, que ainda sentem estreiteza com os outros e com a própria natureza.

A maioria da população vive hoje quase integralmente nas cidades. Além disso, pelo menos 40% dos indígenas também sobrevivem fora de suas aldeias de origem, buscando manejar os códigos e as demandas da sociedade dominante. Lutam para ser aceitos e respeitados pelas suas raízes ancestrais. Embora sejam brasileiros, os dez escritores que assinam as narrativas desta coletânea são antes Mebengôkré Kayapó, Saterê-Mawé, Maraguá, Pirá-Tapuya Waíkhana, Balatiponé Umutina, Taurepang, Hmuko Masá Desana, Guarani Mbyá, Krenak e Kurâ-Bakairi.

A importância em acolher, proteger e conhecer todas essas identidades é maior do que se imagina. Os indígenas podem nos ensinar a viver melhor em um mundo pior, já afirmou o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro. Podem nos ajudar a redesenhar a paisagem que a sociedade vigente desfigura; a recuperar valores essenciais de convívio, compreensão e comprometimento para enfrentar as dramáticas alterações que causamos aos biomas, à fauna e ao clima; a mostrar que os atuais padrões de consumo são insustentáveis e que os modelos políticos e econômicos são incapazes de produzir uma sociedade justa, saudável e digna para todos.

O falecido líder indígena Moura Tukano, um dos padrinhos da atual geração de indígenas escritores, certa vez confessou que estranhava a humanidade "branca" precisar de anos de formação para aprender o valor das coisas, das plantas, dos

animais, dos seres humanos. E, em contrapartida, levar um átimo para conhecer o valor dos minérios. Ele também me disse que todo barulho que fazemos é pela incapacidade de ouvir o silêncio. Para ele, o tal desenvolvimento era mesmo um des-envolvimento.

A chamada literatura indígena carrega esse desejo profundo de reatar e fortalecer os laços entre todos nós, de uma sabedoria antiga, cujos ecos ainda estão por aí pedindo reforço em palavras e imagens.

Boa trilha!

POVO MEBENGÔKRÉ KAYAPÓ





AMOR ORIGINÁRIO



ALINE NGRENHTABARE L. KAYAPÓ E EDSON KAYAPÓ

A aldeia já estava iluminada por MYTYRUWY-RAJ MORO, a lua crescente. Panhonka contava as horas, ansiosa pela chegada da MYTYRUWY-NOTI, a lua cheia.

Desde muito cedo a jovem kayapó se acostumou a ouvir sua mãe, IRUWÁ, contar que, durante a lua cheia, os homens, os ME MY, e as mulheres, as MENIRE e as MEKURERERE, se encontravam pela aldeia para se conhecer e eventualmente namorar. Por isso, a menina deveria tomar cuidado.

Durante o dia, Panhonka observava o guerreiro que mexia com seus sentimentos. Bepkaety tinha cabelos longos e escuros, pele dourada e TUIRENTA. Além da fama de excelente pescador de pirarucu nos extensos lagos da bacia do rio Xingu, o rapaz era um habilidoso líder da aldeia, capaz de conduzir as reuniões comunitárias e mediar os conflitos locais. Também servia como técnico de enfermagem e sonhava se tornar médico, para levar dignidade ao seu amado povo e mais felicidade à sua aldeia. Quando chegou o tempo de Bepkaety se ausentar do convívio da aldeia para estudar, Panhonka sofreu de

tanta saudade. Os dias e as noites, **AKATI** e **AKAMAT**, pareciam eternos. Nos rituais, a linda **mekurerere** pedia ao grande criador, **METINDJWYNH**, que os cursos de **KUBEN** também chegassem à aldeia, para que seu amado pudesse desfrutar do ensino não indígena e permanecer pertinho de seus olhos — assim ela também não precisaria se afastar de sua família.

Panhonka estava a cada dia mais apaixonada pelo guerreiro. Durante o recesso das aulas de **Bepkaety**, quando ele voltava à aldeia, ela corria para a frente da porta ainda pela madrugada, durante a primeira revoada de periquitos, de onde podia observar **Bepkaety** com discrição.

Antes do amanhecer, o jovem guerreiro atravessava a aldeia, levando na boca seu **WARICOÇÓ** e nas costas as suas flechas, esperançoso por ser contemplado com belas caças. **Bepkaety** seguia a tradição de seu povo e nunca entrava na mata sem o seu tradicional cachimbo **kayapó**, **waricocó**, como os velhos orientavam. O cachimbo afastava os **MEKARON PUNU**, os espíritos maus, e atraía os espíritos da floresta, os **PA-KAM MEKARON**.

Após a ida de **Bepkaety**, com o coração a mil, **Panhonka** voltava para a sua **KUBENJAÊ**. E ali na rede, à espera do nascer do sol, sonhava com o dia em que estaria casada com seu grande **TAWA**, que é como se diz amor na nossa língua. Na segunda revoada, sem que sua iruwá a chamasse, a filha saltava da **kubençaê**, superdisposta, como uma bela **MEBENGÔKRÉ** — o nome verdadeiro do povo **kayapó**. Ela corria para a parte externa de sua casa, **KIKRÉ**, e, prendada, acendia o fogo para preparar o café com beiju.

Panhonka ansiava todo dia pelo retorno de **Bepkaety**. Na esperança de que o guerreiro a notasse, a moça se enfeitou com penas de arara e papagaio, colares longos de miçangas, braceletes, pintura de jenipapo e urucum. Seus cabelos negros e sedosos, raspados do meio da cabeça até a fronte e tratados com sabão e óleo de coco, chamavam a atenção de todos os guerreiros e jovens da aldeia. Mas para ela só existia o guerreiro **Bepkaety**.

Certo dia, sob o sol escaldante, por volta do meio-dia, **Bepkaety** retornou trazendo nos ombros um porco-do-mato e em uma das mãos uma cambada de peixes grandes, capaz de alimentar uma parte da comunidade por alguns dias. Ao vê-lo, **Panhonka** correu para perto do guerreiro. Para sua decepção, ele nem sequer a notou, o que causou profunda tristeza na jovem.

A iruwá de **Panhonka**, preocupada, percebeu que sua filha, **IKRÁ**, estava sem fome e perguntou o que se passava, ao que a jovem respondeu:

— Nada sério, minha mãe, só estou pensativa e um pouco ansiosa.

Sua iruwá insistiu em saber o motivo de seu comportamento. Foi então que **Panhonka** admitiu sua atração pelo guerreiro **Bepkaety** e que a sua paixão não era correspondida.

A aldeia toda se envolvia nos preparativos da Festa da Mandioca, **KWYRYKANGO**, que durava cerca de um mês e era repleta de diversão. Aquela **kwirykango**, ao invadir as madrugadas, coincidiria com a **mytyruwy-noti**, a lua cheia. As **menire** e as **mekurerere** colheram jenipapo verde e queimaram lenha para

o preparo da pintura; como havia urucum de sobra, orientaram os seus **IMJET** e **ikrá** para que não atrasassem a pintura, porque tudo precisava estar pronto o mais rápido possível.

Panhonka chegou deslumbrante ao centro da aldeia, com seus adereços feitos especialmente para a festa. A **mytyruwy-noti** reluzia sobre a sua pele lisa e macia, pintada de jenipapo e urucum. A formosa jovem dançou sem parar, mesmo sentindo seu espírito inquieto, sem nunca tirar os olhos de **Bepkaety**, que dançava com outra **NIRE**.

A jovem **mebengôkré** sentia seu coração arder de ciúmes; também estavam na festa algumas belíssimas **nire** de aldeias vizinhas.

Já no último dia da **kwyrykango**, convencida de que não teria a oportunidade de dançar com seu amado guerreiro, **Panhonka** se sentia desolada. A grande festa tão esperada, a essa altura, já não tinha o mesmo brilho. O que ela não sabia é que suas amigas, **INHOBIKWÁ**, articulavam entre si para que o desejo de **Panhonka** fosse realizado.

Primeiro **Panhonka** viu uma de suas **inhobikwá** dançando com o guerreiro **Bepkaety**, o que lhe causou certa estranheza. Mesmo sentindo que tudo já estava perdido, continuava dançando. No fim das contas, o seu grande amor ainda estava à vista e isso alentava um pouco o seu triste coração.

De repente, como quem não quer nada, as **inhobikwá** empurraram **Bepkaety** na direção de **Panhonka**. De tão nervosa que estava, a bela guerreira não sabia o que fazer: se corria ou se permanecia no ritmo frenético da dança. Sentiu o seu sangue

ferver ao ritmo da **HINA HINA**, dança adaptada **mebengôkré**, e, para a surpresa geral, a bela **nire kayapó** acabou desfalecendo nos braços do amado guerreiro.

A aldeia **Gojamroti** parou.

Foi o próprio guerreiro que fez o único som audível ao, desolado, declarar o seu amor por **Panhonka**. A jovem, ao ouvir aquelas palavras, foi despertando devagar sob os olhos lacrimejantes de **Bepkaety**. Não havia mais qualquer dúvida de que aquela paixão era recíproca.

Diante do ocorrido, seus pais e os mais velhos não hesitaram em deixar que **Bepkaety** levasse a bela **Panhonka** a tomar um pouco de ar. A festa continuou ainda mais feliz e animada, visto que já era o último dia do evento. As crianças, **MENPRIRE**, se juntaram à dança, enquanto as **mekurerere** e os **me my** continuaram experimentando a troca de pares.

Suados e de pés no chão, bailavam todos em círculos e em magistral sincronia: um belo e originário espetáculo para os mais velhos e **REZEROS**, os nossos pajés, que na frente de suas **kikré**, com o **waricocó** na boca, apreciavam os encantos da noite, **akamat**, acompanhados pela beleza da lua cheia, **mytyruwy-noti**, e pelos aconchegantes **pa-kam mekaron**, os espíritos da floresta.

Enquanto isso, às margens do rio **Xingu**, o apaixonado casal também desfrutou da **mytyruwy-noti**. Abraçados, agradeceram a **metindjwynh**, o grande criador, pela união. Juntos,

traçaram planos para o fortalecimento da cultura originária do resistente povo mebengôkré. A conversa fluiu tão bem quanto o tempo, até que ouviram um chamado da floresta:

— Hu, hu, hu... PANHONKA, NARA GA? Panhonka, cadê você? Por onde anda?

— AMERETEN, AMIBEI, PANHONKA! Venha cá rápido, Panhonka! — exclamaram seus irmãos.

Os irmãos de Panhonka sabiam como o pai era rígido e, por serem muito amigos de Bepkaety, resolveram ajudá-los para que nada os atrapalhasse. Foi então que Bepkaety teve uma grande ideia:

— Panhonka, assim que o guerreiro Bepunu desligar o gerador de energia, espere todos voltarem do banho de rio, **BADJWÁ**, e quando estiverem dormindo, **ONTONO**, vá para a frente da kikré, pisque a lanterna três vezes em direção à **NGÀ** e eu virei te buscar para aproveitarmos a mytyruwy-noti.

Panhonka retornou rápido com os irmãos para a sua kikré, deitou em sua kubenjaê e aguardou apreensiva por seu reencontro com o guerreiro Bepkaety, quando algo lhe veio à memória. Lembrou-se de que no dia seguinte seu **AMIET** precisava retornar à cidade para mais uma jornada acadêmica. Mas o seu coração preferia se ater ao momento, aproveitá-lo ao máximo.

Todos enfim retornaram exaustos do banho, porque a festa tinha durado uma semana. Deitaram e adormeceram profundamente. Panhonka, por sua vez, seguindo as instruções de seu amado, fez tudo conforme o combinado. Ao terceiro si-

nal da lanterna, era possível ver de longe o valente guerreiro conduzido pela luz da mytyruwy-noti até a sua amada, que o esperava como quem espera para nascer.

Meses se passaram até a chegada de Paekân Kayapó, uma linda **MENPRIRE MEBENGÔKRÉ**, nascida no mesmo dia e na mesma festa kwyrykango, a fortalecer a união do jovem casal e eternizar o ciclo encantado que sustenta os povos originários pelo mundo afora e pela tradição adentro.



POVO MEBENGÔKRÉ KAYAPÓ



Os Kayapó vivem em aldeias dispersas ao longo do curso superior dos rios Iriri, Bacajá, Fresco e de outros afluentes do caudaloso rio Xingu. O território kayapó é quase tão grande quanto a Áustria e é praticamente recoberto pela floresta equatorial, com exceção da parte oriental, preenchida por algumas áreas de cerrado. Está situado sobre o planalto do Brasil Central, a aproximadamente trezentos ou quatrocentos metros acima do nível do mar. Trata-se de uma região preenchida por vales. Pequenas colinas com altitude máxima de quatrocentos metros, frequentemente isoladas e dispersas sobre todo o território, espalham-se pelo planalto. Os grandes rios são alimentados por inúmeras calhetas e igarapés que, de tão pequenos, alguns nem sequer foram oficialmente descobertos e tampouco receberam nomes.

A cosmologia, a vida ritual e a organização social dos Kayapó são extremamente ricas e complexas; assim como são intensas e ambivalentes as relações com a sociedade nacional e com ambientalistas do mundo todo. A língua falada pelos Kayapó pertence à família linguística jê, do tronco macro-jê.

No século XIX os Kayapó estavam divididos em três grandes grupos: os Irã'ãmranh-re ("Os que passeiam nas planícies"), os Goroti Kumrenhtx ("Os homens do verdadeiro grande grupo") e os Porekry ("Os homens dos pequenos bambus"). Destes, descendem os sete subgrupos kayapó atuais: Gorotire, Kuben-Krân-

-Krên, Kôkramôrô, Kararaô, Mekrãgnoti, Metyktire e Xikrin. O termo kayapó (por vezes escrito "kaiapó" ou "caiapó") foi utilizado pela primeira vez no início do século XIX. Nomeados por grupos vizinhos, significa "aqueles que se assemelham aos macacos", o que provavelmente se deve a um ritual ao longo do qual, durante muitas semanas, os homens kayapó, paramentados com máscaras de macacos, executam danças curtas. Mesmo sabendo que são assim chamados pelos outros, os Kayapó se referem a si próprios como Mebengôkré, "os homens do buracô/e lugar d'água".

Verbetes original de Gustaaf Verswijer, *Enciclopédia dos Povos Indígenas no Brasil* (ISA). Fonte: <<http://bit.ly/2NWxRw7>>.

GLOSSÁRIO



AKAMAT: noite.

AKATI: dia.

AMIET: amor ou marido.

BADJWÁ: banho de rio.

HINA HINA: dança adaptada mebengôkré.

IKRÁ: filho.

IMJET: esposo, namorado.

INHOBKWÁ: amiga.

IRUWÁ: mãe.

KIKRÉ: casa.

KUBEN: não indígena, alienígena.
KUBENJAÊ: rede.
KWYRYKANÇO: festa da mandioca.
ME MY: homem.
MEBENGÔKRÉ: “povo do buraco/lugar d’água”, também conhecido como Kayapó.
MEKARON PUNU: espíritos maus.
MEKURERERE: mulher solteira.
MENIRE: mulher casada.
MENPRIRE: criança.
MENPRIRE MEBENGÔKRÉ: criança do povo mebengôkré.
METINDJWYNH: o grande criador.
MYTYRUWY-NOTI: lua cheia.
MYTYRUWY-RAJ MORO: lua crescente.
NGÀ: casa do guerreiro.
NIRE: jovem.
ONTONO: dormindo.
PA-KAM MEKARON: espíritos da floresta.
REZEROS: pajés mebengôkré.
TAWA: amor.
TUIRENTA: pele marcada das pessoas que vivem em contato com os rios de águas barrentas; expressão típica do Pará e Amapá.
WARICOGÓ: cachimbo tradicional kayapó.



ALINE NGRENHTABARE LOPES KAYAPÓ é indígena filha de Bepkaety Kayapó, cacique na aldeia Gojamroti, situada em São Félix do Xingu, Pará, e Ruth Lopes, descendente do povo aymará. Escritora, ativista no movimento indígena, dialoga com o movimento de mulheres. É acadêmica do curso de direito e palestrante de direitos humanos e temas afins. Natural do estado do Pará, hoje está radicada em Porto Seguro, Bahia, onde colabora com a causa indígena local.

EDSON KAYAPÓ é indígena filho de Mebengôkré Kayapó e Marajoara. Escritor, historiador e professor. Natural do estado do Amapá, fronteira com a Guiana Francesa, foi levado por missionários para Altamira, Pará. Hoje radicado em Porto Seguro, atua na formação de professores como coordenador da licenciatura intercultural indígena do Instituto Federal da Bahia (IFBA), curso que atende os povos pataxó, tupinambá e pataxó-hã hã hãe. É doutor em história da educação pela PUC-SP, tendo pesquisado sobre a educação escolar entre os Karipuna do Amapá. Pesquisador do Observatório de Educação Indígena, vinculado à PUC-SP/ Capes/ Secad/ MEC. Foi coordenador-geral dos Centros de Educação e Cultura Indígena em São Paulo, atuando junto aos parentes Guarani, através do Instituto das Tradições Indígenas (Ideti).





POVO SATERÊ-MAWÉ





HARIPORIA, A ORIGEM DO AÇAÍ



TIAGO HAKIY

Há muitas jornadas, quando o Sol ainda namorava a Lua, o povo saterê-mawé vivia um tempo de sonhos raros, de poucas frutas e poucos alimentos.

Nessa época nasceu Yacy-May, filha do grande pajé Irê com a indígena Anhiã, que, por sua vez, era filha da palmeira BAGABEIRA. Yacy-May veio ao mundo quando os pássaros noturnos cantavam na escuridão da floresta. Bela era a noite, calmo estava o rio Andirá, inspirando poesia.

Uma criança linda, olhos pretos, arredondados, encantadores e sorridentes como o brilho das estrelas refletidas nas águas. Sua pele morena era macia como o VIXI-LISO. Seus cabelos pareciam imitar a flor do manacá. Era, enfim, uma criança de beleza singular.

Em meio à situação de miséria em que viviam, tal nascimento foi uma alegria para a aldeia. A beleza daquela criança certamente sinalizava novos tempos de fartura.

Com a passagem das luas, Yacy foi crescendo e ficando cada vez mais atraente. Sua beleza ficou conhecida além das

fronteiras do Andirá, o grande rio. Por outros lugares e sob outras nuvens, se tornou fruto da veneração dos pássaros, que cantavam para fazê-la dormir e sonhar com flores.

Quanto mais a menina crescia, mais pretendentes encantava. Mas Yacy-May, resistente às fantasias, era imune aos galanteios de pássaros ou homens de sua aldeia.

Até que chegou o tempo de Yacy-May se casar. Seguindo a tradição, o velho pajé deveria escolher um mawé para desposar sua filha.

Tamanha era a disputa pela beleza da jovem indígena que até mesmo os astros se envolveram. Certa vez, a Lua brigou com o Sol por tanto pensar em Yacy-May. Ele despontava sorrindo no horizonte toda manhã, somente para dar bom-dia para a jovem mawé, até que a Lua percebeu e não gostou daquele assanhamento.

Mas mesmo com o Sol e a Lua cumprindo os seus ciclos, o povo mawé cada vez mais sofria por falta de alimento. Corpo fraco é casa para enfermidade. Os indígenas começaram a morrer. Primeiro foram as crianças e depois os mais velhos e vulneráveis à fome. Árvores sem frutos, rios sem peixe e a caça, distante na alta floresta.

TUPANA fez as florestas, as estrelas e o azul do céu, mas castigava o povo mawé por conta de uma atitude malévola de um filho da nação. Todos sofriam porque o grande criador estava magoado. O poderoso pajé estava ciente disso.

A chuva fina não era capaz de irrigar os sonhos de frutas maduras, tampouco de fazer o capim verde e as borboletas amarelas sorrirem. A filha do pajé, Yacy-May, sentiu que devia pagar o preço pelo desabrochar das flores. Seu pai intuiu a sua decisão de atravessar o rio pela sobrevivência da nação mawé. Num certo dia, Yacy-May acordou com as **JAÇANÃS** das **CANARANAS** dos lagos. Ela o abraçou e disse:

— Pai, a vida continua. O Andirá fluirá, majestoso, durante toda a eternidade. Vou me entregar às suas águas para acalmar a fúria de Tupana. Vou morar com as estrelas. Do céu, olharei pelo meu povo, entregarei meu corpo à terra para que brote alimento, que fará os peixes voltarem e o **INAMBU** da fatura tornar a piar.

Numa bela manhã, sob o sol que dourava a floresta, o corpo inerte de Yacy-May foi visto flutuando nas águas do grande rio. Todos lamentaram a sua partida para o estrelado do céu. Seu corpo foi enterrado às margens do Andirá. Por mais de um mês seu povo chorou e velou sua sepultura, sobre a qual depositaram as poucas flores que acharam e alguns frutos caídos das árvores.

Somente o velho pajé sabia por que Tupana tinha levado a mais bela **CUNHÃ** saterê-mawé.

Um dia perceberam uma plantinha brotar sobre o túmulo da jovem. Os Mawé trataram logo de regá-la. E foi crescendo assim uma formosa palmeira, com folhas compridas

e fartas iguais aos cabelos de Yacy-May. Dessa palmeira surgiu um ramo de flores. E das flores, frutos redondos. Verdes no início e pretos depois, que lembravam os lindos olhos da jovem mawé. Finalmente o povo sentiu felicidade. E, dali por diante, visitou todos os dias o local oculto sob o tronco da palmeira.

O pajé deu então o nome de açaí àquela extraordinária árvore, que tinha sido um presente de Tupana, em sinal de gratidão por a filha do pajé ter sido conduzida às estrelas. Graças à atitude de Yacy-May, as frutas amadureceram e atraíram muitos pássaros, como o tucano, que iam e vinham para se alimentar.

O velho pajé pediu aos Mawé que apanhassem um cacho de açaí e dele fizessem o vinho para acompanhar o peixe ou o mingau de crueira. A fruta nutritiva deu força aos indígenas para retomarem as roças, seus pomares, para fazer suas canoas de pesca. A fartura tinha voltado à vida da nação saterê-mawé.

Desde então, a graciosa Yacy-May está lá nas alturas, junto das estrelas, feliz porque sua generosidade não foi em vão. Foi ela quem acalmou a fúria do criador, que presenteou o seu povo com o rico e delicioso açaí do povo mawé, o fruto nascido da formosura de Yacy.



POVO SATERÊ-MAWÉ



Conhecidos como “os filhos do guaraná”, os Saterê-Mawé habitam a região do médio rio Amazonas, sobretudo a terra indígena Andirá-Marau, demarcada na década de 1980 (como também a T. I. Coatá-Laranjal e a Aldeia Beija-Flor). Uma extensão que compreende os municípios de Barreirinha, Parintins, Boa Vista do Ramos, Maués, Nova Olinda do Norte e Manaus, no estado do Amazonas; e Altamira e Aveiro, no estado do Pará.

O primeiro contato com o cariwá, ou homem branco, aconteceu há mais de trezentos anos. Falam o saterê-mawé e o nheengatu, que vêm do tronco linguístico tupi. Estima-se que a população atual seja de aproximadamente 13 mil pessoas.

Essa sociedade se estrutura em clãs — os ywania —, havendo uma hierarquia entre eles. Tais clãs estão presentes na cosmologia e são narrados nos mitos saray potairia (as belas palavras dos Saterê-Mawé) e nos cantos do waymat (ritual da tucandeira). Um de seus rituais mais conhecidos e emblemáticos é o Wiaperiá, a festa da Tocandira (“formiga de picada dolorida”), que marca a passagem dos meninos para a fase adulta e que tradicionalmente reúne todos os clãs uma vez por ano.

Fonte: <<http://bit.ly/2XRwpuD>>.

GLOSSÁRIO



BAÇABEIRA: palmeira nativa da Amazônia, comum na mata virgem de terra firme e bastante utilizada nas construções rústicas e no paisagismo da região Norte.

CANARANA: gramínea típica das margens dos rios, lagos e ilhas flutuantes da Amazônia.

CUNHÃ: menina-moça; segundo os povos de língua tupi, é aquela que se prepara para se tornar adulta.

JAÇANÃ: pequena e colorida ave pernalta, que vive nos alagadiços tropicais.

INAMBU: ave que lembra a galinha-d'angola, de cor parda, conhecida pelo sabor de sua carne, pelo azul dos seus ovos e pela beleza do seu canto.

SATERÊ quer dizer "lagarta de fogo", faz referência ao clã mais importante e indica a linha sucessória dos chefes políticos, e mawé significa "papagaio falante" ou "papagaio inteligente". Foram eles que domesticaram e criaram o processo de beneficiamento da mais apreciada trepadeira silvestre: waraná (guaraná).

TUPANA: na tradição tupi Tupã-Tupana é o espírito universal, a força do trovão, Deus poderoso, cujos nomes e atributos mais usados são Wassiri-Anuwató.

UIXI-LISO: fruto amazônico de polpa saborosa, farinácea e oleosa, do qual também se aproveitam as sementes, óleo e casca para fins medicinais.

TIAGO HAKIY é poeta, escritor, bibliotecário e contador de histórias tradicionais indígenas. Nasceu no município de Barreirinha, estado do Amazonas, no coração da floresta amazônica, à margem de um maravilhoso rio cheio de belas praias chamado Andirá. Esse descendente do povo mawé viaja por vários lugares do Brasil, participando de eventos literários, para divulgar a cultura e a literatura indígena. É graduado em biblioteconomia pela Universidade Federal do Amazonas (Ufam). Participa de projetos relacionados à cultura indígena junto ao Instituto U'ka. Tem diversos livros publicados: *A pescaria do curumim e outros poemas indígenas*; *O canto do uirapuru: Uma verdadeira história de amor*; *Awyató pot: Histórias indígenas para crianças*; *Guaynê derrota a cobra grande* (vencedor do 9º Concurso FNLIJ/UKA Tamoios de Textos de Escritores Indígenas); *Curuminzices*; *Curumim*; *Noite e dia na aldeia*; *Tupany, um menino mawé*; e *Iwaipoáb: O verdadeiro encontro de amor*.





POVO MARAGUÁ





GUARŪGUÃ, O PEIXE-BOI DOS MARAGUÃ

Reconto do povo maraguá



YAGUARÊ YAMÃ E LIA MINÁPOTY

Há muito tempo, houve uma guerra medonha entre os humanos que residiam na terra e os peixes, moradores da água. Nessa época ainda não existia o peixe-boi.

As pessoas matavam os peixes e os peixes matavam as pessoas. Ninguém podia entrar na água para tomar banho, porque os peixes grandes engoliam sem dó. Tanto que, até hoje, a piraíba, o jeju, a pirarara, o candiru e a piranha comem gente.

Foi quando **MONÃG**, o grandioso deus do bem, decidiu buscar a paz entre as duas partes. Ele desceu até o fundo do rio e ordenou a **GUAPORÊ**, filho mais velho de Piraruku, o grande chefe dos peixes:

— Vá até a superfície, transforme-se em gente e seduza a bela **PANÁBY'PIÃ**, filha de Tābaguá, **TUXAWA** dos Maraguá. Mas vá esta noite, pois amanhã quero ver o resultado.

Pouco tempo depois, Guaporé já estava diante da aldeia principal, transformado num belo rapaz.

A aldeia estava em grande festa naquela noite. Havia chegado o tempo de Panáby'piã se casar. Para isso todos os guerreiros

e jovens valorosos do povo maraguá estavam presentes. A moça iria escolher um deles, ninguém sabia qual — pois antigamente era assim que os Maraguá se casavam —, para ser seu marido.

O filho do grande Piraruku ficou olhando de longe, então foi se aproximando devagar, até estar próximo. Encantado com a beleza de Panāby'piã, não perdeu tempo, transformou suas escamas num lindo **MARĀGÁ** e começou a chocalhá-lo — tché, tché, tché... —, mas tão baixinho que quase não dava para ouvir.

Enquanto os pretendentes da moça formavam uma grande roda em torno dela, Guaporé se mantinha sempre atrás, chocalhando seu marāgá. Quando chegou a hora de escolher o seu marido, a moça abriu os olhos e viu Guaporé lá atrás. Na mesma hora se apaixonou perdidamente. Quem era ele? A que povo pertencia?

Por infelicidade do destino, Panāby'piã não podia escolhê-lo, pois era um desconhecido e a moça não podia se casar com um estrangeiro. Então ela apontou para um rapaz qualquer, porque não importava com quem se casaria se não fosse com Guaporé. Em meio a muita alegria, todos se puseram a dançar e comemorar o matrimônio. Enquanto isso, o pirarucu foi para a beira do rio para aguardar o resultado.

Terminada a festa, todos foram dormir. Menos Panāby'piã, que em sua nova casa não deixou o marido se aproximar dela. Fingiu estar cansada e foi se deitar. Desejosa de rever aquele moço estranho, disse ao marido que precisava de um banho. Ele quis acompanhá-la, mas ela rebateu:

— Não! Não precisa.

Para fazer a vontade da esposa, o marido a deixou ir sozinha.

Lá na praia, Panāby'piã encontrou-se com Guaporé, que a esperava paciente. Então se aproximou, o pirarucu a abraçou e ficaram juntos até de manhã. Quando o sol nasceu ele levantou e se jogou na água. Panāby'piã, que tinha dormido até de manhã com o estranho, não soube explicar ao marido o que havia acontecido. Envergonhada, voltou à aldeia, entrou em casa e não saiu mais.

Meses depois, ela reapareceu no terreiro, grávida, prestes a ter um filho. Todos foram parabenizá-la, mas Panāby'piã saiu correndo e, antes que alguém pudesse impedir, mergulhou no rio.

Agitados, os moradores da aldeia pediram ajuda ao **MALYLI**, que revelou:

— Essa moça grávida nunca mais voltará para o marido. Foi enfeitiçada pelos peixes e agora é esposa de Guaporé, filho do grande Piraruku, o tuxawa dos peixes. Ela foi levar o filho para o pai verdadeiro. Seu filho nunca será gente, pois é fruto da união entre um peixe e um humano. Ele se chamará **GUARÛGUÁ** ou peixe-boi. Esse é o desejo de monág, que está triste com a nossa guerra. Essa união é um pedido para que os peixes voltem a ser nossos irmãos.

Os Maraguá nunca mais guerrearam com os peixes.

Pouco tempo depois, guarûguá apareceu, boiando sereno e fazendo **BALAKUBAU** no porto da aldeia dos maraguás. O malyli, ao vê-lo, ficou tão feliz que resolveu escolher o peixe-boi como símbolo maior do povo maraguá. O nome guarûguá significa "feito à imagem de gente", e é irmão do **PIRAGUÁ**, o boto, cuja origem é parecida com a sua. Quanto à sua mãe, segundo dizem, se transformou em **GUAYARA**, chamada de Yara na mitologia tupi.

POVO MARAGUÁ



Maraguá é um povo indígena que vive na região do rio Abacaxis, nos municípios amazonenses de Nova Olinda do Norte e Borba, território denominado Maraguapajy, o país dos maraguás. De origem aruak, com forte influência tupi, por muito tempo foi tido como extinto, e seus integrantes, considerados parte do povo saterê-mawé, com quem têm uma história em comum, mas com diferenças étnicas, linguísticas e culturais. Falam a língua maraguá, dialeto misto de nheengatu e aruak, e sua cultura é baseada na antiga cultura tapajônica.

Atualmente, os Maraguá estão distribuídos em quatro aldeias: Yâbetue'y, Kâwera, Monãg'náwa e Yaguawajar, todas às margens do rio Abacaxis, e sua população na área não ultrapassa duzentas pessoas. Dividem-se em seis clãs: piraguáguá (gente do boto), aripunãguá (gente da vespa), çukuyeguá (gente da cobra), pirakéguá (gente do piraquê), tawatoguá (gente do gavião) e yaguareteguá (gente da onça). Ou seja, cada clã tem o seu animal-símbolo. Já para a nação maraguá, o símbolo é guarûguá, o peixe-boi.

Desde que se organizou em torno de duas associações — a Aspim (Associação do Povo Indígena Maraguá) e a Amima (Associação das Mulheres Indígenas Maraguás) —, o povo maraguá tem lutado pela demarcação de seu território e pela reafirmação étnica e cultural da sua nação, contrariando o interesse de madeireiros,

pescadores predatórios, garimpeiros, empresários locais e outras pessoas que invadem e depredam a região.

São conhecidos como “os índios das histórias de fantasmas”, pois sua cultura se baseia na tradição de contação de histórias do gênero. E também como “o povo do lago”, por terem o hábito de morar em regiões lacustres.

No que se refere à contação de histórias, os Maraguá buscam desde cedo aprimorar essa arte. O morõgetáçara (contador de histórias) é um personagem querido e requisitado nas rodas de conversa, de trabalhos comunitários e festejos.

O nome étnico do povo maraguá provém da junção de duas palavras do seu vocabulário: mará (tacape) e guá (gente, nação). Que, juntas, significam “gente do tacape” ou “nação do tacape”.

Fonte: <<http://bit.ly/2M7LB4B>>.

GLOSSÁRIO



BALAKUBAU: ruído que o peixe-boi faz ao respirar fora d'água.

GUAPORÉ: nome próprio de pessoa, que significa lençol.

GUARÛGUÁ: peixe-boi.

GUAYARA: mãe-d'água.

MALYLI: xamã ou pajé em língua maraguá.

MARÃGÁ: chocalho.

MONÃG: deus do bem na mitologia maraguá.

PANÁBY'PIÃ: nome próprio de pessoa, que significa borboleta-moça.

PIRAQUÁ: boto.

TUXAWA: governante.



YAGUARÊ YAMÃ é escritor de origem indígena, nascido no Amazonas. Iniciou sua carreira literária em São Paulo, onde morou, lecionou e palestrou sobre as temáticas indígena e ambiental, antes de retornar à aldeia e retomar o ativismo político no movimento indígena, na luta pela demarcação do território maraguá, pela conscientização dos ribeirinhos e pela inclusão do indígena na sociedade brasileira.

Pertence ao clã aripunãguá, da nação maraguá, e descende dos Saterê-Mawé por parte de pai. Vive atualmente na aldeia Yaguawajar, no município de Nova Olinda do Norte (Amazonas), onde escreve seus livros e atua na organização interna do povo maraguá como vice-tuxawa-geral e vice-coordenador da Aspim (Associação do Povo Indígena Maraguá).

Formado em geografia pela Universidade de Santo Amaro (Unisa), é professor efetivo da Seduc-AM desde 2004 e autor de mais de vinte livros, com destaque para os contos e a literatura fantástica. Tem alguns livros com prêmios no Brasil e no exterior, como *Sehaypóri, contos da floresta* (Peirópolis, 2007; seleção White Ravens), *Yaguarãboia, a mulher-onça* (LeYa, 2013), *Urutópiãg, a religião dos pajés e dos espíritos da selva* (Ibrasa, 2004), entre outros. Atua também como ilustrador, sendo espe-

cialista em grafismos tradicionais indígenas. Integrante da Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil (AEILIJ) e do Instituto Mawáka — Arte e literatura indígena brasileira e membro da Academia Parintinense de Letras, é casado com a também escritora maraguá Lia Minápoty.

LIA MINÁPOTY é uma das jovens lideranças do povo maraguá. Nasceu na aldeia Yābetue'y, na área indígena Maraguapajy, às margens do rio Abacaxis. Pertence ao clã çukuyêguá por nascimento e ao clã aripunãguá por casamento, tem vinte anos de idade e é casada com Yaguarê Yamã.

Além de autora de livros como *A árvore carne e outros contos* (Tordesilhinhas, 2012) e *Com a noite vem o sono* (LeYa, 2011), Lia trabalha com coleções de plantas e borboletas. Curvou o ensino fundamental na aldeia Yābetue'y e o ensino médio na cidade de Nova Olinda do Norte, Amazonas. Vive atualmente na aldeia Yaguawajar, onde leciona para crianças das primeiras séries e atua como secretária da Amima (Associação das Mulheres Indígenas Maraguás).



POVO PIRÁ-TAPUYA WAÍKHANA





YAWARETÉ AÇU, O JABUTI E A ONÇA-PINTADA

Kírtí (reconto) do povo pirá-tapuya waikhana



ROSI WAIKHON

Certa vez lá na mata, os macacos pulavam de um lado para o outro no pé de inajazeira. Brincavam e se deliciavam com as frutinhas de INAJÁ. A uma certa altura, apareceu o jabuti de casco duro, empolgado com aquela agitação toda:

— Ei, o que vocês estão fazendo aí em cima?

— Estamos comendo inajá! — um dos macacos respondeu.

O jabuti continuou:

— Eu também quero. — Os macacos jogaram então umas frutinhas de inajá para o jabuti, que comeu com prazer. E pediu mais. Os macacos arremessaram outros frutos. E depois ainda mais, até se cansarem da brincadeira. Até que chamaram o jabuti:

— Sobe aqui pra poder comer quantos quiser!

— Mas eu não sei subir — o jabuti se justificou.

— Não se preocupe, a gente apanha você — disseram os macacos. O jabuti aceitou o convite. Fizeram uma força-tarefa para carregar e botar o casco duro do lado do cacho de inajá. Quando satisfeita, a macacada se despediu e deixou o jabuti

lá no cume na inajazeira onde, sozinho, se fartou também de comer. Durante um longo tempo, o jabuti ficou agoniado pensando em como descer. Até que apareceu a onça-pintada, que lá no alto reparou no jabuti. Perguntou assim:

— Oi, compadre jabuti! O que está fazendo aí?

— Ora, ora, ora! Estou comendo inajá! — o jabuti respondeu, sem querer dar bandeira.

— Mas como subiu até aí? — a onça, admirada, perguntou.

— Ah! Eu senti vontade de comer inajá e subi. Eu sou assim mesmo. Quando tenho vontade de alguma coisa, resolvo e faço. Por falar nisso, a comadre não quer provar alguns inajás? — o jabuti respondeu, cheio de si.

— Aceito, sim — respondeu a onça e, no mesmo instante, o jabuti jogou alguns inajás para ela. A comadre experimentou os frutos e confessou:

— Estão uma gostosura mesmo, jogue mais! — O jabuti mandou outro tanto. A onça pediu mais ainda. E ele atendeu aos seus pedidos, até que teve uma ideia para poder descer.

— Agora vou jogar mais um monte de inajás para você se esbaldar. Fecha os olhos, comadre! — ele disse, e a onça cerrou os olhos. O matreiro jabuti saltou lá de cima da inajazeira. PÔÔÔÔÔÔÔÔU! Caiu de sola na testa da onça, casco duro, que morreu na hora. Tempos depois, o jabuti retornou à capoeira. Os ossos da onça estavam lá. O jabuti escolheu um e fez uma flauta com ele. Em seguida, tocou assim:

— YAURETÊ KAUERÁ... Yauretê Kauerá... Yauretê Kauerá...

Yauretê Kauerá... A canela da onça é minha flauta... A canela da onça é minha flauta...

Uma outra onça, ali de passagem, ouviu aquela melodia e foi lá conferir. Flagrou o jabuti e esturrou:

— Descobri quem matou minha irmã, agora vou te pegar!

Na mesma hora, o jabuti se enfiou no buraco mais próximo. Só deu tempo para a onça agarrar uma pata traseira do bicho.

— Te peguei, safado!

O jabuti deu uma gargalhada:

— Ha, ha, ha! Engano seu, pegou é na raiz de WAKU!

A onça, descrente, ficou ali segurando firme. Mas o jabuti continuou rindo. Tanto riu que a onça o largou. E o jabuti escapuliu, bem rápido para o fundo do buraco. De lá soltou uma nova gargalhada:

— Ha, ha, ha! Brincadeira, era mesmo a minha patinha!



POVO PIRÁ-TAPUYA WAÍKHANA



Os Waíkhana são reconhecidos na literatura como Pirá-Tapuya (gente-peixe), pertencentes ao tronco linguístico tukano. O grupo é subdividido em aproximadamente nove clãs residentes na fronteira entre a Colômbia e o Brasil. Atualmente os Waíkhana vivem nas comunidades localizadas no médio rio Papuri e no baixo Uaupés; outros estão dispersos pelos distritos de Yauretê, Taracua, nos municípios de São Gabriel e Santa Isabel.

A família linguística tukano oriental engloba pelo menos dezesseis línguas, dentre as quais o tukano propriamente dito é a que possui maior número de falantes. Portanto, trata-se de uma língua franca. Os Pirá-Tapuya no Médio Papuri, nas proximidades de Teresita, têm uma dessas línguas da grande família. Migraram e vivem também em localidades do rio Negro e em São Gabriel.

A identidade waíkhana pode ser reconhecida, por exemplo, na retirada cuidadosa da polpa de semente de umari para fazer o marapatá. O umarizeiro é uma bela árvore frondosa, que vive muitos anos. As crianças waíkhana se divertem catando umari. Os pais aconselham as crianças através das kirtí — narrativas breves, diversas e muito populares usadas para ensinar as relações em diferentes contextos: pescarias, caçadas, coleta de formigas, fibras, coleta de barro para confeccionar cerâmicas, entre outros.

Fonte: <<http://bit.ly/2Y50sUH>>.

GLOSSÁRIO



INAJÁ: palmeira amazônica, rica em óleo, palmito e succulento fruto comestível.

WAKU: árvore leguminosa de grande porte da floresta pluvial.

YAURETÊ KAUERÁ: a canela da onça é minha flauta.



ROSI WAIKHON é indígena da linhagem wehetara-ponan do povo waíkhana, localizado no extremo Norte do Brasil. Bióloga, escritora, ex-diretora executiva da Federação das Organizações Indígenas do rio Negro (Foirn) e ex-secretária do Núcleo de Escritores e Artistas Indígenas (NEArin) do Instituto Indígena Brasileiro para Propriedade Intelectual (Inbrapi). Ex-bolsista do International Fellowships Program (IFP). Mestre pela Universidade Federal do Amazonas, atualmente colabora no Colegiado Indígena no programa de pós-graduação em antropologia social, onde discute a inserção dos indígenas dentro do programa de pós-graduação. Vencedora do 5º Concurso FLNIJ/UKA Tamoios de Texto de Escritores Indígenas com *Kali e Taiwano no Mundo Encantado das Águas*. Participou da primeira Antologia Indígena com as poesias "Sou alguém", "Renovar-se" e "País da ficha". Participou de congressos e seminários de educação pelo Brasil e ministrou várias palestras sobre educação indígena pelo mundo.

POVO BALATIPONÉ UMUTIMA





JIBIKÍ PORIKOPÔ, O FURTO DA PANELA DE BARRO

Reconto do povo balatiponé umutima



ARIABO KEZO

Na época dos **BOLORIÊ**, antepassados do povo **BALATIPONÉ**, os animais eram pessoas como nós. Meni e Hari, Sol e Lua, foram criados pela mesma **MOTÔ** antes de partirem para o **BO-ROPÔ**, o teto que nos cobre. Certo dia, Meni caminhava pelo mato, próximo à pele macia e fresca do rio **OLARIPÔ**. Distraído, enquanto coletava frutos, percebeu uma agitação distante na outra margem do rio. O Sol apurou a vista e viu um grupo de **IPWEKO ZITABU**, que andava de um lado para outro. Elas tinham chegado havia pouco para se apropriar da área. As ariranhas costumam construir seus abrigos pelas margens dos rios, de onde tiram o seu alimento. Eram gente também as ariranhas, peritas na pesca e admiradas pelos Balatiponé, que, por outro lado, temiam a sua braveza. Curioso, Meni buscou se aproximar, evitando ser notado, porque elas odeiam intrusos rondando os seus domínios. O Sol tinha plena ciência disso, mas resolveu correr o risco para sentir o perigo da aventura. Meni sabia também que as ariranhas são velozes apenas na água. Se fosse para correr pela mata

ele se garantia, sobre isso estava despreocupado. Escondido pela vegetação em torno da área, Meni pôde observar com nitidez o que as ariranhas faziam no interior da casa que tinham construído. Umas buscavam água no rio, outras providenciavam lenha e algumas acendiam o fogo. Mas o que deixou o Sol ainda mais fascinado foi uma **PORIKOPÔ!**

Ficou um longo tempo a contemplar a panela típica que, feito aquela, jamais tinha visto na sua estada pela Terra. Só decidiu partir quando sentiu cutucar na cabeça o tacape de seus pensamentos.

— Gostaria muito de conseguir aquela panela, como farei? Preciso planejar alguma coisa... — pensou alto. Sentiu a cabeça inflamar. Não tinha costume de pensar muito antes de agir.

— Já sei! Vou pedir ajuda ao meu **AMALÁ**. Hari nunca nega uma aventura e juntos vamos pegar aquela linda panela das feras do rio!

Era também jovem o irmão guerreiro Hari, companheiro de loucuras de Meni, que sempre acabava enrascado.

Meni decidiu partir quanto antes para dividir o seu plano. Seguiu rumo à aldeia vizinha, onde o irmão morava. Perguntou ao primeiro homem que encontrou pelo caminho sobre o paradeiro de Hari. Mas o sujeito não tinha notícia dele, deixando o jovem Sol um tanto ansioso. Meni foi indagando a todos que encontrava e a resposta foi sempre a mesma. Quase na aldeia, ainda distante da casa do irmão, avistou um jovem absorto, sentado sob um galho de árvore. O semblante de Meni mudou logo que reconheceu Hari. Apressou o passo e foi

recebido com festa pelo companheiro de travessuras. Foi logo contando o motivo da visita:

— Meu irmão, estava eu andando lá pelas margens do Olaripô, catando frutas lá naqueles pés que a gente costumava ir nessa mesma época, quando percebi uma movimentação do outro lado do rio. Percorri o caminho com todo cuidado, para que ninguém notasse minha presença. Cheguei bem pertinho e vi que era um grupo de ariranhas que construíam uma morada. Mas não foi só isso que eu vi. Teve uma coisa que me encantou!

Foi então que o Sol contou ao irmão Lua sobre a panela de barro e o seu desejo de furtá-la. Hari, sem perguntar nada, prontamente aceitou participar. Naquele mesmo dia os dois partiram. Lá na morada de Meni pernoitaram, tramados na cumplicidade, prontos para executar o plano na manhã seguinte.

No ápice da aurora lá estavam os dois, a uma distância segura, atrás das folhagens acompanhando as ariranhas no interior da casa, até que elas saíssem para a pesca cotidiana. Quando partiram, deixaram a panela de barro cheia de **PURUKWÁ**, a água, sobre uma grande pilha de lenha, para preparar o pescado logo que retornassem. Pois bem, elas estavam muito distantes e os jovens guerreiros tinham tudo planejado.

Primeiro Meni se metamorfoseou em um **RATO-CURURU** e cavou um túnel até a panela, pois tinha antes calculado direção e distância. Pela mudança na temperatura teve certeza de estar sob **ZORU**, o fogo, exatamente debaixo do alvo. Então, emergiu ligeiro esquivando-se das brasas e chamas.

Vestia folhas verdes como proteção; podia mesmo se queimar. Encaixou rápido a panela no sovaco e deu no pé. O rato-cururu correu uma boa distância, até não mais suportar o peso. Foi quando chamou pelo parceiro.

Meni e Hari pretendiam se revezar no transporte da coibida panela. Só que Hari foi descuidado, como sempre. Esqueceu de vestir as suas folhas verdes, conseguiu percorrer só alguns poucos metros e deixou a panela cair no chão. A água que dela verteu estava tão quente, mas tão quente, que da esteira marrom de folhas secas que recobria o chão fez brotar fogo. Pareceu até fogo disfarçado de água. Apavorados, Sol e Lua perderam o rumo, correram de um lado para outro, sem saber se deviam antes abafar as chamas, apanhar a panela ou fugir de vez. Quando quase esturricava, Meni conseguiu se transformar outra vez. De rato-cururu virou gavião-tesoureiro. Num rápido corte, levantou voo e escapou da morte.

Inspirado no parceiro, sem ter uma ideia melhor, Hari se metamorfoseou numa corujinha e voou também. Mas logo teve que pousar num galho seco; coruja só costuma fazer voos breves e bem mais lentos do que os de um gavião. O incêndio já tinha dominado tudo; abocanhou os galhos secos e a pequena coruja.

Já em casa, de volta à sua forma original, Meni aguardou a chegada do irmão. O tempo corre feito as águas do rio. Na cabeça de Meni, ele se incumbiria de trazer o comparsa de volta. E poderiam enfim rir bastante sobre o que tinham aprontado. Assim sucederia, mas não como ele imaginava. Com uma

expressão de indisfarçável preocupação, o inquieto guerreiro foi investigar alguma coisa lá fora. Muito longe dali, no rumo onde o parceiro percebeu o aviso do fogo, onde a fumaça se misturava com as nuvens, não havia nenhum sinal de Hari. A tristeza então apertou seu peito e o mau pensamento turvou sua mente. Um grito grave ressoou no final do céu. Meni olhou para o alto, se sentindo prestes a desabar. E o céu descarregou as suas lágrimas, que não são salgadas como as nossas. O jovem guerreiro chegou enfim ao local onde esteve com seu irmão pela última vez. O choro do céu tinha exterminado o fogaréu. Meni gritou em vão pelo parceiro desaparecido. "Hari! Hari!" Depois de caminhar um pouco, encontrou sob os restos de ramos queimados um esqueletinho de coruja. Ele abriu um sorriso. Isso mesmo, não ficou triste. Catou o esqueleto e o levou para casa. Uma vez lá, em um canto, Meni apanhou um objeto especial, muito bem embrulhado. Era uma esteira sagrada, que conservava havia muito tempo.

— Vou forrar com esta esteira este lugar, estender o esqueleto da corujinha sobre ela, enrolar e depois entoar uma canção.

Naquele tempo, sempre que ocorria uma morte, os antigos recorriam à esteira sagrada. Mas apenas algumas poucas pessoas, os sábios, tinham uma esteira como aquela de Meni.

O valente jovem se pintou de **BEURUKWÁ** e **NOLUKWÁ**, tinta de jenipapo e de urucum, ornamentou-se com suas plumas, colocou o último item — um chocalho da perna — e assim, com um grito guerreiro, deu início à cerimônia, cantando e batendo com o pé direito no chão:

HARI, HARI, hutakí
HARI, HARI, hokotoponô
HARI, HARI, yaporé
MENI, MENI, inondotoré
MENI, MENI, hutakí
BARU, BARU, inondotoré

Ao repetir o canto, a esteira que estava enrolada começou a se mexer. Meni cantou ainda mais forte e a esteira foi se abrindo, pouco a pouco, até finalmente revelar alguém respirando forte — O'REBUTÁ Hari. O irmão guerreiro tinha ressuscitado.

POVO BALATIPONÉ UMUTIMA



Os Balatiponé, também conhecidos como Umutina, são uma etnia que se mantém ainda hoje na terra indígena Umutina, acerca dos municípios de Barra do Bugres, Denise e Alto Paraguai, entre os rios Paraguai e Bugres, em Mato Grosso. Vivem nas aldeias Umutina, Bakalana, Masepô, Águas Correntes e Adonai, numa faixa de transição da Amazônia e do Cerrado.

Os Balatiponé são descendentes de 23 sobreviventes que, em meados dos anos 1940, se instalaram naquela região. Como o Serviço de Proteção ao Índio, na época, enviou outras etnias à região, a língua majoritária passou a ser o português. Atualmente convivem nove povos indígenas no mesmo território: Balatiponé, Pareci, Bororo, Nambikwara, Bakairi, Manoky, Terena, Kayabi e, mais recentemente, Xiquitano.

O jovem balatiponé Ariabo Kezo nos ensina, contudo, que a língua umutina não morreu, manteve-se viva no âmbito familiar, transmitida assim como os costumes por alguns anciãos, como o falecido JULÁ Pará. Ariabo decidiu que era preciso resgatar e difundir o idioma de origem e sua cultura. Para tanto, ingressou no curso de letras no interior de São Paulo, na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), para ter condições de elaborar uma gramática de sua língua, dirigida tanto à academia quanto ao seu povo. O autor já lançou a narrativa ilustrada *Boloriê: A origem dos alimentos*.

Balatiponé significa “povo antigo”. Umutina é o apelido dado pelos Pareci aos Balatiponé, cujas características físicas se distinguem do estereótipo indígena. Advém da expressão imuti — não indígena —, que foi alterada ao longo do tempo. Todavia, pela questão identitária, os jovens têm buscado a revalorização do nome típico do seu povo.

Fonte: <<http://bit.ly/2JMqsqj>>.

GLOSSÁRIO



- AMALÁ:** irmão. Nas histórias, Sol e Lua aparecem como irmãos ou grandes amigos.
- BALATIPONÉ:** povo antigo.
- BEURUKWÁ:** tinta de jenipapo.
- BOLORIÉ:** antepassados dos Balatiponé, que viveram no começo do mundo.
- BOROPÔ:** céu; significa também uma outra morada.
- IPWEKOZITABU:** ariranhas.
- JULÁ:** guerreiro; termo genérico para homem.
- MOTÔ:** chão; também pode representar o planeta Terra.
- NOLUKWÁ:** tinta de urucum.
- OLARIPÔ:** barrento; nome do rio Paraguai, que contorna a terra balatiponé.
- O'REBUTÁ:** ressuscitar, nascer.

PORIKOPÔ: panela de barro, típica dos Balatiponé.

PURUKWÁ: água.

RATO-CURURU: uma espécie de rato maior que o comum, que se alimenta de raízes.

ZORU: fogo.



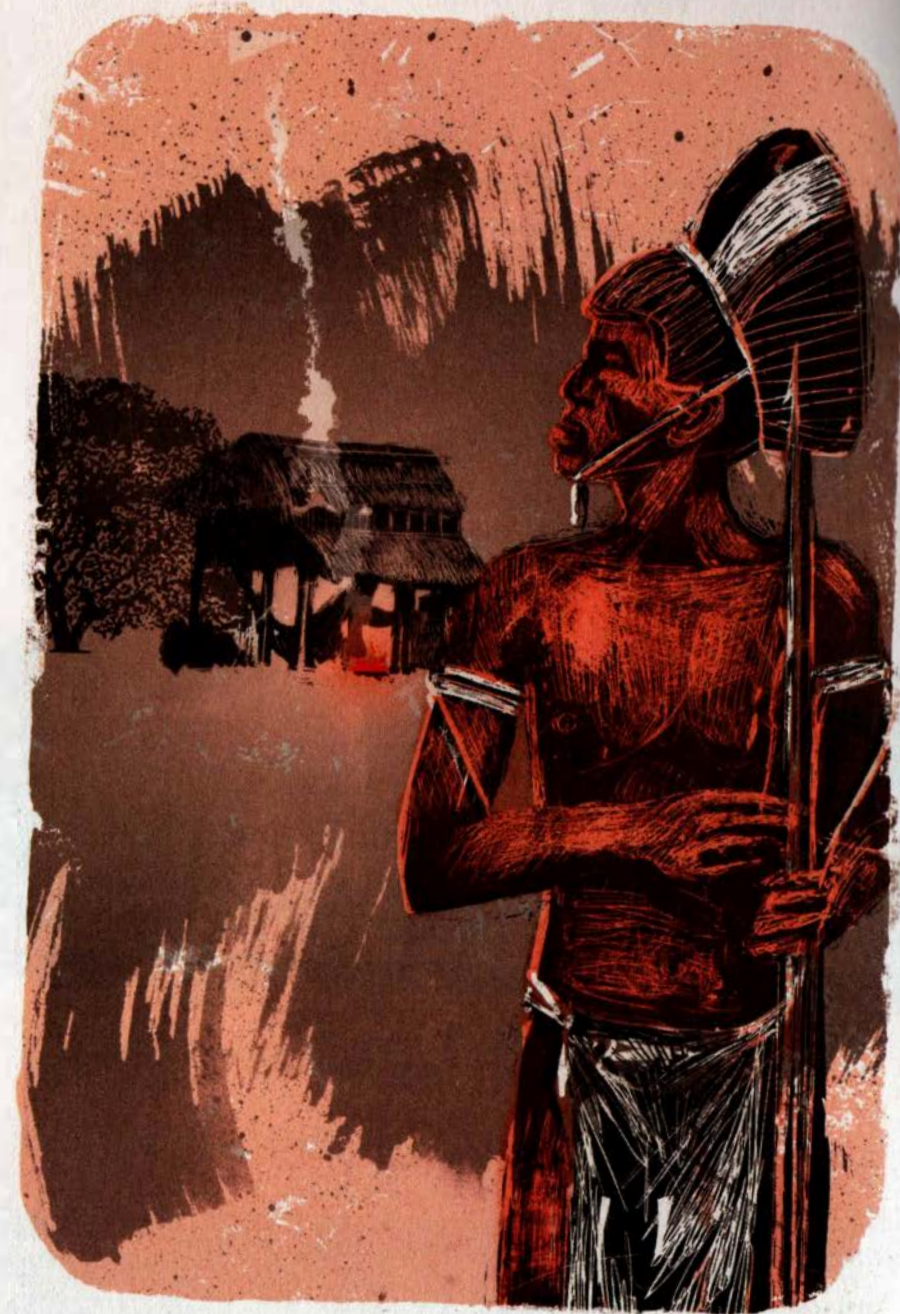
ARIABO KEZO é natural de Barra do Bugres, interior do Mato Grosso. Graduou-se em letras pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Como graduando, integrou o laboratório de linguagens Leetra — UFSCar, no qual produziu diversos trabalhos acadêmicos nas áreas de linguística, literatura e educação na formação de professores, no que diz respeito à história e culturas dos povos indígenas na escola. Em 2012, com o apoio de bolsa da Fapesp, produziu material didático bilíngue (português-balatiponé) para reforçar a língua balatiponé junto às crianças do seu povo, relatada pela Unesco como extinta. Ariabo integrou a comissão brasileira no Fórum Permanente sobre Questões Indígenas da ONU, onde discursou em espanhol sobre o direito dos povos indígenas no Brasil e no mundo, abordando problemas como suicídio, automutilação e desconstrução de estereótipos. Trabalha para revitalizar a cultura balatiponé através de histórias tradicionais, publicadas em umutina e em português.





POVO TAUREPANG





WATÔ, A PEDRA DO FOGO

Reconto do povo taurepang

Versão adaptada da narrativa coletada por Theodor Koch Grumberg



CRISTINO WAPICHANA

Esta é uma história de um tempo bem distante. As serras ainda estavam adormecidas debaixo da terra. Uma ou outra, que ousava romper o chão, vinha com tanta força que levantava árvores e revolia pedras quando se elevava. Foram essas serras que trouxeram os olhos das águas das profundezas.

Os primeiros habitantes humanos não plantavam nem cozinham. Conheciam poucos frutos, algumas batatas e mandioca.

O povo taurepang construiu a sua aldeia na beira de um rio, rodeado por uma floresta. Estava sempre envolvido na atividades de caça, pesca e coleta de frutos. Naquele lugar existiam muitos animais, então não precisava ir longe em busca de alimentos. Havia animais de espécie, tamanho e aparência bem diferentes dos de hoje.

Naquele tempo, os homens não usavam animais como meio de transporte. Andavam a pé. E assim observavam melhor tudo o que os rodeava. Também não se apressavam de um lado para outro como formigas caçando.

O jeito de viver daquela época ajudava o equilíbrio da vida. Os homens não interferiam no curso da natureza. Não desmatavam, não poluíam nem faziam guerras com outras gentes por qualquer motivo banal.

A Natureza os alimentava e tudo comiam cru, pois não sabiam fazer fogo. Faziam seus beijus de mandioca e os deixavam expostos ao sol por dias sobre o jirau. Até que secavam a ponto de ficarem crocantes.

Todos sabiam da existência do fogo, que só costumava aparecer durante o tempo das chuvas. O fogo vinha do alto, em forma de chicote reluzente, cortando nuvens e rachando o céu, num instante barulhento. Quando tocava a terra se desfazia em faíscas e fumaça.

Muitos guerreiros ficavam observando onde o laço tocava a terra para ver se conseguiam pelo menos uma faísca, mas quando lá chegavam, até a fumaça já tinha desaparecido. E só restava continuar a comer comida crua.

Naquela aldeia havia uma velhinha chamada Pelenosamo. A anciã morava sozinha, numa morada um pouco afastada das outras. Não gostava de visitas e andava sempre de cara amarrada. Não pedia ajuda a ninguém e odiava seus parentes. A porta de casa só abria para entrar ou sair, e a fechava logo em seguida. Aquela casa parecia até ter vida própria, todas as manhãs, quando amanhecia oculta numa bola de fumaça... Ninguém ousava se aproximar dela.

Pelenosamo era a única da aldeia que costumava ir à floresta. Trazia galhos secos das árvores que depositava dentro

de casa, e deixava uns poucos gravetos do lado de fora, encostados na parede.

Uma menina que morava perto da casa misteriosa, certa vez, resolveu investigar o que fazia a velhinha com aqueles galhos secos. Era final de tarde e as pessoas já se recolhiam para a segurança de seus lares. O sol se despedia devagar, avermelhando o céu e tingindo as nuvens, para a chegada das estrelas e da lua cheia.

Cheia de coragem e curiosidade, a menina se aproximou e rodeou a casa de Pelenosamo. Então, encostou-se na parede que dava para a mata. Em seguida, procurou por frestas na superfície, buscando ver o que se passava lá no interior da casa esquisita.

A menina se movia na ponta dos pés, para evitar fazer qualquer ruído e ser descoberta. Sua curiosidade era maior do que o medo. Só que o plano falhou. Tropeçou num galho posto em pé, que foi derrubando os outros que estavam enfileirados. Diante daquele barulhão, a velha resmungou, rouca:

— Quem está aí?!

Assustada, a menina se levantou depressa e foi se esconder numa moita. De lá enxergava a casa com dificuldade, porque a lua já tinha levado as cores que o sol antes trouxera.

A velha perguntou outra vez e com mais firmeza:

— Quem está aí?!

Em resposta, ouviu apenas o trilar dos grilos. Pelenosamo esbravejou:

— Se eu te encontrar, vou te pegar e cozinhar!

A menina ficou aterrorizada. Sentiu vontade de correr, mas a anciã poderia vê-la e usar sua magia para apanhá-la. Entre o terror e a curiosidade, permaneceu imóvel, bem onde estava.

A porta da casa começou a abrir bem devagar. A boca de um enorme cesto de palha surgiu pela porta, acompanhada por uma vara pontiaguda. Seu coração disparou. Pelenosamo apareceu atrás do cesto, com a estaca na mão. A velha contornou a casa e chegou até o monte de galhos caídos e o cutucou. De repente, de lá saltou um ratinho, que a velha cravou com a ponta da vara antes que ele completasse o seu último grito. Olhou para o animalzinho inerte e o jogou dentro do cesto.

Desconfiada, a anciã olhou para aquela moita e tomou sua direção.

— Eu sei que tem alguém aí e vou pegar!

Mesmo enxergando pouco, Pelenosamo conhecia como ninguém tudo que havia perto da sua casa.

— Tô sentindo um cheiro diferente e me parece que é de gente curiosa! — ameaçou, enquanto empinava o nariz.

Quando Pelenosamo chegou à moita, a espetou com rai-va repetidas vezes, até cansar. Mas nada achou. A menina foi mais esperta do que a velha. Aproveitando um momento de distração enquanto a anciã cutucava o monte, a jovem escapuliu e entrou na casa da velha pela porta aberta. Encontrou um monte de cestos e se acomodou quietinha num deles, num canto da casa.

A velha logo retornou, ressabiada. Fechou a porta, de varapau na mão, e ficou ali parada para ouvir ou farejar alguma coisa diferente. Perto dos cestos, pensou em varar o maior, justo onde a menina estava, mas acabou desistindo, pois seus braços estavam cansados. Abandonou a vara e o cesto que tinha em mãos num canto, e seguiu até um lugar onde havia umas coisas escuras no chão, perto dos galhos que juntava dentro da casa, toda vez que ia à mata.

A menina acompanhava tudo imóvel, com medo de ser encontrada. Aquela morada era bem diferente das demais. Fechada nas paredes laterais, tinha um pequeno furo no telhado. E mais outras coisas inusitadas. Por exemplo, havia uma luz pendurada no centro e tudo ali parecia ter vida.

A menina estava surpresa, aquela luz lembrava os laços de fogo que rachavam o céu. Mas ela se movimentava morosa e sem barulho. Como a velha conseguiu pegar um pedacinho do laço de fogo, se nem os mais fortes e mais rápidos da aldeia tinham conseguido? Será que a velha é amiga deles, e eles deram um pouco para ela? Será que ela tem poderes mágicos?

Quanto mais via, mais seu coração acelerava.

Certa de que estava só, Pelenosamo foi até o meio da casa, acocorou-se e defecou em cima de uns gravetos. Levantou-se e ficou a olhar aquelas fezes que foram ficando avermelhadas. A velha baixou e começou a assoprá-las. As fezes da velha então se transformaram em brasas e o fogo brilhou!

Então, Pelenosamo cozeu bolos de mandioca e fez caxiri.

Depois foi dormir. Quando estava no melhor do sono, a menina saiu do cesto, caminhou até a porta, abriu-a com cuidado e correu pra sua casa sob a luz da lua.

Chegando lá, contou sua aventura para seus pais, que estavam muito preocupados, pois a filha tinha saído sem avisá-los. Eles a repreenderam, mas estavam felizes pela sua volta.

Cedo pela manhã, todos já sabiam da novidade e foram à casa da velha. Quando ela abriu a porta, lá estava o povo da aldeia fazendo seus pedidos. Pelenosamo escondeu o jogo e negou tudo sobre o fogo. Só que a menina tinha visto e contado a todos, como a velha fazia. Por isso agarraram a mulher e amarraram suas pernas e braços. Colocaram Pelenosamo deitada sobre muita lenha, sentaram sobre ela, apertaram com força o seu ventre com as mãos.

A velha fez força para se livrar, mas não conseguiu. Logo começou a defecar e o excremento foi mudando de cor até crepitar feito brasa.

Retiraram Pelenosamo de cima da lenha, que logo começou a queimar. As brasas que saíam dela, quando não utilizadas imediatamente para acender fogo, esfriavam. Ao se apagarem, se transformavam em pedras, às quais os Taurepang chamaram de Wató, e ainda podem ser encontradas e utilizadas para fazer fogo.

Desde tal acontecimento, uma grande fogueira e celebração com danças e cantos na aldeia têm ocorrido até os nossos dias.

Agora os homens têm fogo para se aquecer nas noites frias e para cozinhar ou assar. Podem fazer bolos de mandioca,

caxiri e também moquear peixes, carnes para estocar e comer após alguns dias.

A descoberta do fogo trouxe muitas mudanças para os homens e também para os animais. Os homens passaram a caçar e pescar em maior quantidade, já que podiam armazenar para comer depois. Com o passar do tempo, foram encontrando outros tipos de fogo e novas formas de utilizá-lo, para o bem-estar da gente toda.

POVO TAUREPANG



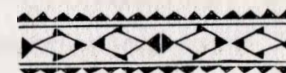
O autor desta narrativa é natural de Roraima, descendente do povo wapichana. Contudo, apresenta aqui um reconto tradicional do povo taurepang, que se autodesigna pemon, termo que significa “povo” ou “gente”. Pouco conhecido no Brasil, esse etnônimo é empregado com uma frequência muito maior na Venezuela, onde designa uma grande população indígena de língua karib.

No Brasil, os Taurepang localizam-se na porção norte do estado de Roraima, área fronteira entre Brasil, Venezuela e Guiana, tendo como vizinhos os Makuxi e Akawaio (no Brasil, mais conhecidos como Ingarikó), de filiação linguística karib, e os Wapichana, de filiação linguística aruak. É na savana venezuelana que vive a maioria dos Taurepang. Os que habitam o lado brasileiro da fronteira com a Venezuela e a Guiana estão em aldeias nas Terras Indígenas São Marcos e Raposa Serra do Sol, nas quais também há outras etnias.

No elenco dos gêneros orais taurepang, as narrativas pessoais e os mitos que tematizam as façanhas do herói criador Makunaíma recebem o qualificativo de pandon, termo traduzido pelos Taurepang como “histórias”. Os acontecimentos narrados nos mitos ocorrem em um tempo que os Taurepang chamam de *pia daktai*, um “tempo de origem”, quando a Terra, os homens e os animais assumem a forma atual, ao passo que as narrativas de cada um a respeito da sua vida e de seus pais teria acontecido “agora”, *sere-ware* indicando tratar-se de acontecimentos muito mais recentes

do que o ocorrido no *pia daktai*. A passagem de um tipo de relato a outro não obedece a nenhuma regra formal. Temos, assim, uma espécie de compressão do tempo à medida que a narrativa se aproxima do presente, um período mais repleto de detalhes e lembranças.

Fonte: <<http://bit.ly/2SHcE8c>>.



CRISTINO WAPICHANA é músico, compositor, cineasta e escritor. Nasceu em Boa Vista, Roraima. É contador de histórias e palestrante sobre a temática indígena em instituições diversas. É autor do livro *A boca da noite*, traduzido para o sueco e vencedor da Estrela de Prata do Prêmio Peter Pan 2018, do International Board on Books for Young People (IBBY); prêmio FNLIJ 2017 nas categorias Criança e Melhor Ilustração; terceiro lugar na categoria livro infantil do Prêmio Jabuti 2017; menção honrosa no Concurso FNLIJ/UKA Tamoios de Textos de Escritores Indígenas 2014. É também autor de *A onça e o fogo*, vencedor do Concurso FNLIJ/UKA Tamoios de Textos de Escritores Indígenas 2007, *Sapatos trocados: Como o tatu ganhou suas grandes garras* e *A oncinha Lili*, ambos selecionados pela FNLIJ para o catálogo da Feira de Bolonha, na Itália. Pelo Movimento União Cultural recebeu o Prêmio Litteratudo Monteiro Lobato 2015 e a Medalha da Paz 2014. Indicado ao Prêmio da Ordem do Mérito Cultural da Presidência da República, em 2008 e 2014, pelos trabalhos relevantes em prol da cultura indígena brasileira. Foi coordenador do NEArin (Núcleo de Escritores e Artistas Indígenas do Inbrapi).

POVO ʘMUKO MASÁ DESANA





WUHU SIBURU, PENEIRA DE ARUMÃ

Narrativa umuko masá desana



JAIME DIAKARA

Ao cair da tarde na aldeia, um velho indígena juntou as crianças em frente à maloca para contar uma história sagrada sobre a origem da Terra. Primeiro ele se sentou no banco, com um bastão cerimonial na mão direita, uma forquilha de cigarro ritual e um suporte de cuia de IPADU. A criançada ao redor, sentada no chão, observou atenta cada gesto e cada movimento. Concentradíssimo no corpo e na alma, respirou fundo antes de beber na cuia ancestral e começar sua narrativa. No silêncio, apenas murmurando, acendeu e fumou o seu cigarro. Com uma cuia, **BAFOROU AS BOGHECHAS** conforme o cerimonial de mastigar o ipadu. É essa a vivência espiritual de um sábio do povo desana, na sua forma de interagir e dialogar com seus ancestrais, e também de envolver as crianças, convocadas a cerrar os olhos para melhor ouvi-lo narrar:

— Meus netos, prestem atenção no que vou contar agora. Gravem na memória esta história sagrada. Porque um dia serão vocês a contar para os seus filhos. E depois, seus filhos contarão para os seus netos. E a história vai vingar de

geração em geração, porque é parte de nosso corpo material e espiritual, como nossos ancestrais consideravam os grandes mistérios e segredos que ʘmūrī Ñeku, o Avô do Universo, usou na criação da Terra para sustentar a vida. Antigamente existia somente esse ser iluminado na escuridão. ʘmūrī Ñeku apareceu por si próprio. Naquela época havia um lago de nuvens em forma de caverna e as faces de quatro colunas de cores diferentes: vermelho, amarelo, azul e verde. Nesse lago havia uma coluna central brilhante, com as quatro cores misturadas. Nela não se podia encostar. Ao redor flutuavam sete cuias de vida, que piscavam na escuridão. Assim era o mundo antes da formação da Terra e da transformação da humanidade.

O velho desana fez uma pausa e continuou:

— ʘmūrī Ñeku tinha cansado da solidão. Logo teve a ideia de transformar as vidas que flutuavam nas sete cuias do ʘmusī Dihtaru, o lago de nuvens, em seres iguais a ele, e os chamaria de ʘmūrī Mahsa: Gente do Universo. O Avô do Universo, em voz alta, anunciou assim o seu desejo: "tuoyāri mahsu, sábio eu sou. E assim como eu, tuoyāri mahsa, sábios também eles serão. E terão a mesma capacidade de criar e multiplicar!". Como já falei, no princípio eram só nuvens, colunas, cuias de vida e escuridão. Faltavam a terra, as águas, as matas, os rios, os animais, os peixes. Por isso, antes de criar outros seres, a primeira coisa a fazer era a terra onde se pudesse morar. A Terra que antes não havia, não era redonda, tampouco quadrada. Não tinha forma alguma, cor ou luz.

ʘmūrī Ñeku refletiu bastante sobre como fazer a Terra como ainda não era. E botou o plano em prática. Primeiro, preparou os seus instrumentos. Seriam eles as bases para a criação da Terra. Confeccionou então dois bastões, quatro peneiras de ARUMÃ e a esteira de PARIS de zarabatana. E aí começou a obra. ʘmūrī Ñeku cruzou os dois bastões lança-chocalho e os arremessou no espaço. Eles formaram a base da terra. E o Avô do Universo os abençoou: "Esses bastões é que vão sustentar a terra. Um será osso de mulher. O outro, osso de homem. Dos bastões nascerão os seus filhos, que crescerão nesta terra que não terá fim".

As crianças permaneceram atentas e o velho desana prosseguiu:

— Logo depois, ʘmūrī Ñeku jogou uma peneira de arumã de sapo em cima dos bastões cruzados e dessa maneira a benzeu, enquanto a girava: "Esta peneira de arumã de sapo formará a primeira camada da terra. É ela que vai gerar a Gente do Universo. Essa peneira será o ar puro, a carne, o osso, o sangue e a saúde da Gente do Universo. O leite e o mel, que nunca terão fim". Então, ʘmūrī Ñeku cobriu a primeira peneira com outra, de arumã de cobra. E da mesma forma a benzeu: "Esta peneira de arumã de cobra formará a segunda camada da terra. É ela que vai gerar ʘmūrī Mahsa. É ela que vai gerar a Gente do Universo. Esta peneira será o ar puro, a carne, o osso, o sangue e a saúde da Gente do Universo. O leite e o mel, que nunca terão fim". Pegou em seguida uma peneira de arumã de água e a jogou sobre as outras duas, assim abençoando: "Esta peneira de

arumã de água vai gerar os rios e os lagos para a Gente do Universo, para que tenham bebida e saúde para sempre". Naquele momento surgiram os mares, rios, lagos, igarapés e lagoas.

As crianças mantinham-se quietas e encantadas.

— ʘmūrī Ñeku pegou uma peneira de arumã de massa de mandioca e a lançou sobre as demais, abençoando: "Esta peneira de massa de mandioca vai gerar as frutas do mato. É ela que vai garantir comida e saúde infinitas para a Gente do Universo". Assim se formou a quarta camada da terra. Finalmente apanhou uma peneira de arumã de fartura, fez uma nova bênção e a jogou por cima das outras: "Esta peneira de arumã de fartura será também terra. Porque ela vai dar alimento e saúde eternos para ʘmūrī Mahsa". A partir daquele instante, a terra e a água começaram a coexistir. Tinha a forma de um amontoado de peneiras redondas a primeira terra feita por ʘmūrī Ñeku. Ao constatar que tudo tinha dado certo, ele benzeu mais uma vez a terra criada: "Terra de ar puro, terra geradora da Gente do Universo, terra sadia, eu a purifico. Esteira de paris de crescimento da ʘmūrī Mahsa, paris de ar puro, paris de leite, paris de mel, paris de saúde". Assim falou e abriu os paris. E espalhou pela terra as suas benditas obras.

Àquela altura, os pequenos questionavam como tinham enfim aparecido as Gentes do Universo. O velho sábio desana chegou ao ponto:

— Assim que ʘmūrī Ñeku terminou o ritual, apareceu uma mulher. Essa mulher se chamava Yebá Buró, a Avó da Terra. A velha era o primeiro retrato da mulher-mãe, à qual as mães

das gerações futuras iriam se assemelhar. Percebam que era impossível para ʘmūrī Ñeku criar a Gente do Universo sem a participação de Yebá Buró.

Os jovens compreenderam como tudo se formou. E o motivo por que quando escavamos o solo várias camadas se revelam, que são justamente as peneiras utilizadas por ʘmūrī Ñeku para formar a terra. O velho desana enfim arrematou:

— Na natureza tudo é indissociável. Uma árvore é um ser humano. Suas folhas são cabelos. Os galhos são braços. Raízes, pés. Por sua vez, a terra é a carne do corpo. É pelos rios irrigada, como as veias que fazem nosso sangue correr. Quando morremos, nosso corpo é devolvido à Mãe Terra, retorna às origens. O mito desana é ciência indígena, sabedoria vivenciada. E a terra, crianças, é o reflexo do céu.

POVO ʘMUKO MASÁ DESANA



Autodenominam-se ʘmuko Masá, que significa “Gente do Universo”. Habitam principalmente o rio Tiquié e seus afluentes Cucura, Umari e Castanha, o rio Papuri (especialmente em Piracuara e Monfort) e seus afluentes Turi e Urucu, além de trechos dos rios Uaupés e Negro. E também cidades da região. São um dos dezesseis povos da família linguística tukano oriental que moram no Brasil e na Colômbia, sendo aproximadamente 1,5 mil indivíduos no Brasil, distribuindo-se em cerca de sessenta comunidades misturadas às de outros povos da mesma família linguística. Existem aproximadamente trinta divisões entre os Desana — chefes, mestres de cerimônia, rezadores, ajudantes etc. Os Desana são especialistas em certos tipos de cestos trançados, como os apás grandes, balaios com aros internos de cipó, e os cumatás, usados para peneirar a mandioca.

Pela perspectiva dominante dos indígenas amazônicos, pode-se dizer que se os homens adquirem suas habilidades xamânicas através da cultura, as mulheres as detêm por natureza. Na mitologia tukano, os heróis ancestrais que abrem o caminho para a criação da humanidade são gerados por uma divindade feminina que, por sua vez, os Desana chamam de Yebá B̄rú, ou a Avó da Terra.

É considerada “gente” toda criatura que entre iguais é capaz de ver, ouvir e falar, bem como agir intencionalmente, ainda que

haja gentes de espécies diferentes. Como parte integrante de um cosmo vivo, os seres humanos, os animais, as plantas e os peixes são “gentes” de um mesmo sistema, que é revitalizado durante os rituais de YURUPARI. Esses rituais fomentam a reprodução das plantas e dos animais, asseguram o ordenamento das estações e a fertilidade da natureza. Ao supervisionarem e promoverem esses rituais, os mestres podem incorporar os poderes e as identidades dos criadores ancestrais, inclusive a de Yurupari, fonte e espírito da vida vegetal, um dos filhos da primeira mulher.

Fonte: <<http://bit.ly/2GtOMzM>>.

GLOSSÁRIO



- ARUMÃ:** espécie de cana de colmo liso e reto, da família das matantáceas, que cresce em regiões semialagadas. Também conhecida pelos povos indígenas por guarimã, é empregada na cestaria.
- BAFORAR AS DUAS BOCHECHAS:** símbolo das duas portas ancestrais, onde T̄oñarĩ Mahsu se identifica no ritual do Idapu. A bochecha esquerda é a porta onde o sol nasce, e a bochecha direita, onde o sol se põe.
- IPADU:** arbusto da família das eritroxilácias, muito semelhante à coca, com propriedades anestésicas, cultivado pelos caboclos e indígenas do alto Amazonas.

PARIS: termo que em nheengatu designa o cercado para a pesca, feito de varas e talas. É também o cercado de proteção da família na ocasião do nascimento de uma criança ou ainda da mulher menstruada.

YURUPARI: ancestral que é fonte e espírito da flora, evocado pelas flautas e trombetas sagradas, feitas do tronco da palmeira paxiúba, que correspondem aos seus ossos e incorporam o seu sopro e canto.

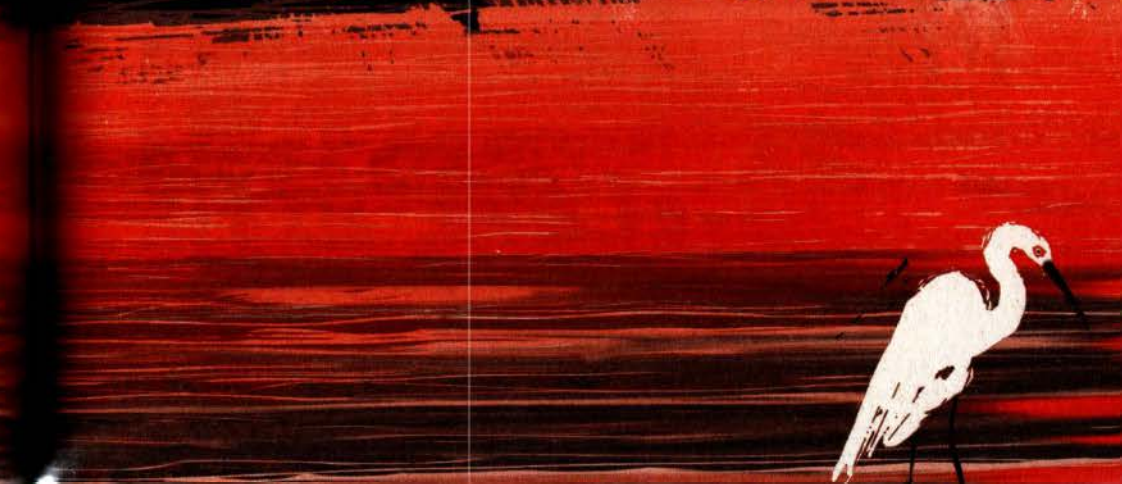


JAIME DIAKARA é indígena do povo desana, do grupo Wari Diputiro Porã. É graduado em licenciatura em pedagogia intercultural indígena pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA), mestre em antropologia social pela Universidade Federal do Amazonas (Ufam) e colaborador do Núcleo de Estudos da Amazônia Indígena (Neai). Agente cultural, escritor, professor indígena, conhecedor de cosmologia desana, contador de história e ilustrador. Foi vencedor da coleção Proarte de Literatura de 2013 da Secretaria de Cultura do Estado do Amazonas, vencedor do Concurso FNLIJ/UKA Tamoios de Textos de Escritores Indígenas 2012 e menção honrosa pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) no Rio de Janeiro, em 2012. Autor dos livros infantojuvenis *Yahi Puíro Kiti: A origem da constelação da Garça*, publicado pela editora Valer; *Waímurã Kitiakã: Historinhas dos animais*, publicado pela Secretaria de Cultura do Amazonas; e *Wahtirã, a lagoa dos mortos*, pela editora Autêntica, com o qual venceu o

10º Concurso FNLIJ/UKA Tamoios de Textos de Escritores Indígenas. Participou da antologia literária na revista *Leetra Indígena* da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), lançou o poema "Dessana" no livro *Im Flug der Harpyie. No Voo da Harpia: Indigene Poesie und Prosa aus dem brasilianischen Regenwald*, publicado na Alemanha, e é autor do calendário lunar do povo desana.



POVO GUARANI MBYÁ





OS RAIOS LUMINOSOS

Narrativa guarani mbyá



JERA POTY MIRIM

Mboré, a velha anta, carregava em seu ventre uma filha pequena e frágil. Sentia-se infeliz. Sabia que já não teria tempo suficiente para cuidar dela, para lhe ensinar os caminhos, as frutas e raízes comestíveis, as estratégias para enganar xivi, a poderosa onça. A mãe anta, assim, pediu aos espíritos da mata que guiassem a sua última cria quando ela partisse, que ajudassem a filha a sobreviver na grande floresta, tão abundante em beleza quanto em perigos.

Logo após dar à luz, Mboré partiu para outro plano, deixando aquela criaturinha à própria sorte. A jovem anta passou toda a manhã sob o calor do sol, até conseguir se levantar e olhar para o corpo inerte da mãe. Imóvel a pequena também permaneceu um longo tempo, na esperança de ver Mboré se mexer. Como isso não ocorreu, passou a andar em círculos até sentir fome e sede. Ela tudo desconhecia, por isso nada arriscou provar. Aos poucos, a recém-nascida foi se afastando. Até que das folhas algo caiu sobre as suas costas, provocando tamanha coceira que fez a bebê anta se retorcer toda.

Mais adiante, avistou um ser bem menor do que ela, sobre um tronco na beira da cachoeira. A jovem anta sentiu tanto medo quanto alegria. Sua garganta estava mesmo seca, mas antes era preciso identificar quem era aquela estranha figura, o primeiro bicho que via.

Ao se aproximar, percebeu que a criaturinha estava chorando e perguntou:

— Quem é você? Por que está chorando?

Uma voz baixa e fina então se fez ouvir:

— Choro porque minha mãe se feriu e morreu. Estou só e muito triste. Sou um jabuti.

— Eu também perdi minha mãe, assim que nasci.

— Ah, é? E quem é você?

— Sou uma anta.

— Pois eu sou novo na floresta também. Não conheço muita coisa nem sei o que fazer. Por que você está se contorcendo assim, sente alguma dor?

— Não! — respondeu a anta de pronto. — Estou com fome, sede e sinto também uma coceira no corpo, mas não sei por quê.

O jabuti, que havia dois dias perambulava pela floresta, convocou o pequeno ou talvez grande roedor, tudo dependia do seu ponto de vista:

— Venha beber quanto quiser. E se deitar aqui, eu posso examinar o que tem no seu corpo.

A anta logo aceitou o convite do jabuti. Foi assim primeiro matar a sede, tão aguda quanto a fome e a comichão. Em seguida, estirou-se à beira da cachoeira conforme a sugestão.

— Nossa! Tem uns bichos muito pequenos em você, bem menores do que eu, que estão sugando o seu sangue! Minhas unhas ainda são fraquinhas, mas se você tiver paciência eu posso tentar tirar esses bichos do seu couro — ofereceu o jovem jabuti.

Agradecida, a antinha respondeu que aguardaria quanto fosse preciso para se livrar daquela coceira. Dada a morosidade do jabuti de frágeis unhas, mesmo faminta, a anta acabou adormecendo.

— Pronto, finalmente arranquei o último bichinho das suas costas! Pode se levantar agora — disse o jabuti, exausto mas satisfeito.

— Muito obrigada, não sei como faria isso sem a sua ajuda — admitiu a anta, e ainda falou sobre a fome que a agoniava.

O jabuti recomendou que apanhasse frutas caídas, as quais os pássaros comiam, indicando onde encontrá-las. E assim fez a anta. E retornou com a boca cheia de frutas escuras, redondas e suculentas. Os dois animais se fartaram de jabuticabas. Depois se olharam no fundo dos olhos, e o jabuti enfim declarou:

— Quer ficar comigo? Eu não tenho ninguém, e você também não. Se quiser, podemos ser amigos e, assim, cuidar um do outro. O que acha?

A anta, de barriga cheia, estava agora contente:

— Sim! Quero ficar com você, obrigada. Estou só, não sei nada sobre a floresta e com você ficarei mais segura para explorar tudo.

Uma vez juntos, o jabuti ajudou a anta a encontrar um cantinho aconchegante perto da cachoeira. Um lugar para dormir, acomodada sobre um tronco próximo. Ali a nova amiga estaria a salvo de outros bichos.

Passaram-se dias, depois meses. Os dois cresceram juntos. Sempre brincando, dormindo, comendo e zelando um pelo outro. Quando viraram adultos, já pareciam da mesma família. E se amavam. Porém, deixaram muito bicho ressabiado. Das piranhas, cascavéis e mesmo das aves, como as maritacas e os urubus, ouviram comentários sempre censuros ao relacionamento deles.

— Que coisa estranha, como pode um jabuti e uma anta ficarem juntos? Como será quando dormem? A anta deve amassar o jabuti, né? Nossa, que coisa mais feia uma anta alimentar um jabuti com frutas...

Observações assim eram rotina. Apesar disso, eles não se incomodavam. Acontece que uma vez o jabuti sentiu algo diferente. Acordou cedo como sempre, só que meio jururu. Chamou a amiga anta:

— Hoje eu vou te dar um nome... Vou te chamar de Tumbija. — E estranhando a passividade da anta, continuou: — Por que está quieta assim? Não gostou do nome?

— Pelo contrário, querido amigo. Adorei! Só fiquei pensando num nome para te chamar também. E será Japu'a.

— Puxa, que lindo nome! Muito grato, Tumbija.

Daquele dia em diante, Tumbija e Japu'a passaram a se tratar assim. Partilharam outros tantos momentos felizes, até o

dia em que a maritaca e o urubu-rei foram visitá-los. Os anfítrios receberam os pássaros com frutas e água fresca. Porém, eles dispensaram gentilezas:

— Não queremos nada disso! — expôs a maritaca, em tom alto e estridente. — Nós estamos aqui somente para saber quando cada um de vocês vai procurar os seus parentes para procriar, pois essa é a lei da floresta, cada qual no seu cada qual, a seguir o destino natural.

— E eu, como urubu-rei, digo que vocês devem se separar. Todos os bichos há tempos comentam sobre essa amizade imprópria. Já passou da hora de buscarem parceiros, de constituir família e gerar novas vidas, para evitar desarmonia em nossa floresta.

Ao perceber que Tumbija ficou perturbada com aquilo tudo, Japu'a interrompeu os visitantes:

— Nós não queremos fazer mal a ninguém ou à floresta, jamais fizemos nem faríamos algo assim! Só precisamos um do outro. Porque juntos somos felizes.

A maritaca outra vez matracou:

— A gente está aqui é para alertar vocês. Lembrem que a regra é suprema, mais cedo ou mais tarde vocês vão sentir por natureza a necessidade de procriar e outras coisas mais...

Depois disso, foram embora sem despedidas. Durante a noite, os amigos ficaram em silêncio. Tumbija acordou preocupada pela manhã:

— Japu'a, eu não quero trazer desavença à floresta.

— Tampouco eu, Tumbija! Só acho que aqueles dois vieram

nos atazanar porque sentem inveja de nossa amizade e felicidade.

Quanto a isso, concordaram. E a convivência voltou como antes. Ainda por meses a fio viveram felizes, catando e comendo frutas pela floresta, dividindo aventuras.

Mas, tal e qual tinha previsto a maritaca, algo começou a mudar. Quando observavam outros animais com seus filhotes, ambos sentiam o mesmo nó. E aquele sentimento de alegria, entusiasmo e disposição que compartilhavam foi murchando. Até que a melancolia obrigou Tumbija a ter um papo sério com o amigo:

— Japu'a, o que vamos fazer? Você quer procurar os seus?

— Estou confuso, Tumbija. É claro que penso em ter filhotes. Antes a gente se bastava, não é? Mas não quero me separar de você...

— Meu único e amado amigo, também prezo a sua companhia mais que tudo. Mas esse sentimento novo dentro de nós é muito forte. Os seus filhos seriam lindos como você, imagine, a floresta ficaria ainda mais encantadora se houvesse outros Japu'a tão gentis quanto o pai!

— Você é muito graciosa também, obrigado, minha querida amiga!

No dia seguinte, Japu'a e Tumbija partiram pela mata, unidos pelo mesmo propósito. Depois de uma longa jornada, diante de uma cachoeira deslumbrante rodeada de flores, toparam com várias tartarugas, que mergulhavam e emergiam das águas. Tumbija encorajou o parceiro:

— Coragem, Japu'a! Vá em frente, são seus parentes!

Japu'a, tenso, chegou perto do grupo e perguntou:

— Posso nadar com vocês?

As tartarugas estacaram. E olharam para ele, enquanto torciam os rabinhos. De repente, um dos parentes reagiu, agressivo:

— Negativo! Não queremos você por aqui, fique lá com sua amiga gigante. A sua preferida, como a maritaca nos contou. Caia fora!

Japu'a voltou desolado à companhia de Tumbija.

— Ora, não fique assim Japu'a! Acharemos outros parentes seus, suba em minhas costas. — A anta deu apoio ao parceiro jabuti.

— Não se preocupe comigo, Tumbija. Agora vamos procurar os seus parentes, talvez você tenha mais sorte do que eu.

— Não, Japu'a, vamos voltar para casa. Quero cuidar de você.

E assim pegaram a trilha de volta. Na metade do caminho, viram pegadas semelhantes às de Tumbija. Japu'a animou a amiga a investigar. A anta colocou o parceiro sobre um tronco de árvore e seguiu o rastro dos parentes. Não muito longe dali descobriu algumas antas, que comiam raízes.

— Olá, o meu nome é Tumbija. Posso comer com vocês?

Assim como sucedeu antes com Japu'a, demorou para alguém se manifestar. Afinal, ouviu uma gargalhada:

— Que nome estranho, desde quando antas têm nome assim? Quem foi que te deu? Ah, já sei! Foi aquele seu maridinho jabuti, né?

Tumbija, decepcionada, foi ao encontro do amigo. Tãmanha foi a frustraçaõ deles que desistiram do projeto. Dali em diante, os dias se arrastaram, as brincadeiras minguaram e nem mais as borboletas livres dos casulos os fascinavam mais. Certa noite, Japu'a fitou a amiga por um tempo. E chorou de compaixãõ. Depois, sentiu dõ de si prõprio. Aquela tinha tudo para ser a mais triste das madrugadas. Acontece que Japu'a sonhou com um mensageiro do Criador — Nhanderu Rembiguai —, que assim lhe falou:

- Por que chora? Olhe para a água. O que vê?
- Uma linda mulher. E um homem formoso também.
- Isso mesmo, ambos sãõ muito bonitos realmente!

Assim que despertou Japu'a contou uma parte do sonho a Tumbija. Disse também que precisavam percorrer trẽs grandes montanhas naquela mesma manhã. E que tinham que permanecer no cume da terceira, por um longo perõido, fizesse chuva ou fizesse sol.

— Estã bem, Japu'a. Monte em minhas costas — prontificou-se Tumbija. — Sõ nãõ digo que chegaremos lã ainda hoje.

Sem mais esticarem a conversa, foram em frente.

— Vocẽ quer descansar? Quer que eu desça um pouco? — perguntava Japu'a de vez em quando.

— Nãõ ẽ preciso, meu amigo. — Tumbija ria e esclarecia. — Vocẽ nãõ representa nenhum peso para mim.

E foi sõ quando a noite caiu, apõs tantas horas de caminhada exaustiva, que alcançaram o topo da terceira montanha.

— Finalmente chegamos, Tumbija.

— Sim, Japu'a. E agora, o que mais o seu sonho nos orienta?

— Agora ficaremos aqui, juntinhos. Confie em mim. Quando sentir medo, pense que estou contigo e sempre estarei.

Tumbija ouviu e junto dele se acomodou. Numa certa hora, uma fina garoa cobriu os dois. Depois as gotas engrossaram. E veio o frio, que se intensificou. Trouxe granizo e ventos cada vez mais fortes. Ficaram mais assustados ainda quando brilharam relãmpagos no cẽu. Quando os trovões pareciam querer rachar a montanha ao meio, Tumbija ao amigo confessou:

— Confio em vocẽ, mas estou apavorada agora!

Antes de Japu'a se pronunciar para acalmar Tumbija, um raio luminoso caiu sobre eles. Depois veio outro. E mais outro. Entãõ, uma voz feminina ressoou entre as árvores:

— Japu'a, te vejo como um homem forte e bonito!

— Também te vejo diferente, Tumbija! Uma linda mulher, com quem quero casar e ter muitos filhos. Prometo que jamais faltarãõ jabuticabas para alimentar seu corpo e amor para alimentar sua alma!

Agora como humanos e inseparãveis, Tumbija, Japu'a e os muitos filhos que tiveram viveram felizes na aldeia, cercados de antas e jabutis, atẽ o dia em que Nhanderu os levou de volta à sua morada sagrada.

POVO GUARANI MBYÁ



Os Guarani, cujo histórico de contato data do século XVI, dividem-se em três subgrupos no Brasil: Mbyá, Kaiowá e Ñandeva. Os Mbyá também estão presentes em aldeias no Paraguai, na Argentina e no Uruguai. Jera Poty Mirim é Mbyá. Sua gente mora sobretudo no interior e nas regiões litorâneas dos estados do Sudeste e do Sul do país, nas regiões serranas da Mata Atlântica. Há também alguns grupos mbyá no município de Jacundá, no Pará, e em Tocantins, numa das áreas karajá de Xambioá, e algumas famílias dispersas pelo Centro-Oeste.

Além da linguagem usual (ayvu), os Mbyá conservam uma linguagem ritual, extremamente elaborada, ayvu porã, expressão traduzível como “belas palavras”, revelada pelas divindades aos dirigentes espirituais e pronunciada em ocasiões especiais, a partir de um vocabulário e conceitos muito próprios.

Os Guarani Mbyá apreciam a arte da adivinhação, que chamam de mbaravija. São reconhecidos pelos seus rituais e cânticos inspiradores. Consideram que as crianças têm um canal direto — o canto — para dialogar com os espíritos da natureza. Denominam esses cânticos mborai ou poraei, dos quais há dois tipos: mborai kyrĩgue, que é o canto das crianças durante o dia, e tarova, o canto-reza das crianças quando conversam com Nhanderu e Nhandexy Kuéry, ou “nossos pais” e “nossas mães”.

São os Mbyá que mais têm ocupado as áreas no litoral atlântico.

É um povo peregrino, sempre em busca da terra sem males (yvy marãey), da terra perfeita (yvyju miri), o paraíso alcançado somente por aqueles que atravessarem “a grande água”. Em cada novo local escolhido, recriam e recuperam a tradição.

Fonte: <<http://bit.ly/2YftKej>>.



JERA POTY MIRIM, ou Jera Giselda, é escritora, professora graduada em pedagogia pela Universidade de São Paulo (USP) e líder da comunidade Guarani Mbyá tenondé porã, terra indígena demarcada no extremo sul da capital paulista, entre os bairros de Parelheiros e Engenheiro Marsilac. Tenondé Porã é composta de oito aldeias diferentes — Tenondé Porã, Krukutu, Kalipety, Yrexakã, Tape Miri, Tekoa Porã, Guyrapaju, Kuaray Raxa — e se estende por uma área verde em plena região urbana de São Paulo, com uma população aproximada de mil pessoas, que vivem nos atuais 15 979 hectares e contam com três órgãos públicos: um posto de saúde, uma escola municipal e uma estadual.





POVO KRENAK



POKRANE E KREN, POR QUE NÃO HAVIA GÊMEOS ENTRE OS KRENAK



EDSON KRENAK

Uma vez perguntei ao meu tio por que não havia gêmeos em nossa família. Meu pai, que estava por perto e ouviu nossa conversa, se adiantou e respondeu:

— Os gêmeos não podem viver no mesmo mundo!

— Por quê? — perguntei, encabulado, pois conhecia alguns gêmeos de outros povos.

Meu tio, esperto, me chamou para uma caminhada e então me contou a história. Tempos atrás, quando o **WATU**, o grande deus criador, tinha liberdade para visitar cada aldeia e cada canto, tínhamos uma festa das almas na floresta. Era quando nos reuníamos nos rituais no sol poente, entre danças e conversas na mata, pedindo para sermos sempre belos e fortes.

Os antigos diziam que as nossas almas tinham de viver em paz, não podíamos permitir que nada as inquietasse. Pois bem, cada pessoa tinha mais de uma alma e nosso trabalho nas festas era garantir a felicidade de cada uma delas; e a harmonia entre todas. Até que um dia, durante a preparação para as festividades, Pokrane, um guerreiro muito famoso e

respeitado por ter cortado a cabeça de um **MUNDURUKU**, teve uma experiência terrível na floresta.

Meu tio frisou que Pokrane era um exemplo de filho e de amigo, sempre gentil e generoso. Era um krenak de poucas palavras, que gostava de ficar à beira do Watu, conversando com o vento, atento às vozes das árvores, às músicas dos pássaros. Um sujeito orgulhoso o suficiente para não querer casar, ainda que as famílias lhe oferecessem prêmios e glórias. E as mais belas moças, que o mimavam com pratos deliciosos de peixes, cestas de frutas e até mesmo casas para convencê-lo a se unir com elas. Mas ele permanecia sério, calado e apenas preocupado em defender a sua aldeia.

Acontece que uma das jovens viajou durante três dias para buscar a madeira perfeita para fazer um botoque maravilhoso para Pokrane. Quando retornou à aldeia, espantou o pessoal com a sua alegria exagerada:

— Ele me escolheu... Ele me escolheu! — cantarolava assim a jovem, enquanto as outras cismadas pretendentes queriam saber quem teria escolhido a feliz cantante.

Quando Pokrane chegou da lagoa onde estivera nadando, as moças o acompanharam com os olhos. Desejavam conferir se ele seria mesmo abordado por alguém. Pois foi o que aconteceu. Aquela jovem correu ao encontro do guerreiro e lhe ofereceu milho assado. Austero como de costume, ele lhe agradeceu, virou-se e partiu. Todos viram a jovem chorando, a buscar consolo em casa.

À noite, os pais da moça perguntaram a Pokrane se queria casar em segredo com a filha deles na floresta e permanecer solteiro na aldeia. Atônito com a ideia, o jovem disse que não sabia o que responder.

Os pais afirmaram que sua filha havia tido uma experiência amorosa com Pokrane na mata. E que, segundo ela, depois que ambos voltaram à aldeia ele passou a tratá-la como uma estranha, como se fosse qualquer outra das jovens. Mas Pokrane negou qualquer envolvimento. Como na aldeia todos o respeitavam muito, acreditaram em sua palavra. A pobre jovem ficou conhecida como mentirosa e espartalhona. Todos tinham certeza de que ela mentia para levar vantagem sobre as outras garotas e, assim, conquistar o guerreiro.

Meu tio fez uma pausa e continuou a história para contar o que aconteceu com o guerreiro. Quando Pokrane emergiu das águas do Watu para se dirigir à área reservada à dança sagrada, viu o que lhe pareceu ser uma de suas almas. Por isso, correu logo ao seu encontro, cheio de curiosidade. O outro começou:

— Meu nome é Kren. Vejo que enfim nos encontramos.

— Por quê? Você me conhece?

— Você não percebe, Pokrane, que eu sou mais do que a sua alma? Meu destino, segundo o pajé solitário que vive na floresta, sempre foi te encontrar e te substituir. Porque somente um deve existir aqui.

Muito confuso, Pokrane abraçou Kren. Comentou que ele

era uma alma muito inquieta e raivosa, mas que o amava e o ajudaria a regressar ao mundo espiritual de novo. Mas Kren riu e fez pouco da inocência do guerreiro:

— Não seja tolo! Nós somos irmãos! Somos gêmeos! Estamos nesta situação porque nossos pais seguiram a antiga tradição, que diz que apenas um dos gêmeos deve ficar, pois o outro é uma alma inquieta que também quer viver do lado de cá do mundo, mas não pode. Por algum motivo, eles me abandonaram vivo na floresta, talvez esperando que eu acabasse morrendo. Daí o pajé me encontrou e leu as pinturas do meu corpo. Entendeu que eu deveria morrer e me transformar em onça ou macaco. Mas sabe o que houve? Esse pajé não gosta do nosso povo e quis nos dar uma lição. Então me preparou para um dia tomar o teu lugar.

Ainda abestado com aquela história, Pokrane lembrou daquela moça que o cobiçava. Tudo fazia sentido agora. Tinha sido com Kren o seu encontro amoroso na mata. Inconformado, reagiu:

— Como assim? Por que somente um de nós tem esse direito? Seríamos amigos, uma dupla invencível, capaz de defender nossa comunidade, de criar fama, exemplo e história para todas as gerações, mundos e espíritos. Imagine, Kren, até mesmo Watu nos honraria!

— Por que você é tão ingênuo, meu irmão? Não percebe que quando dois gêmeos vivem no mesmo lado do mundo suas almas jamais se harmonizam? Pelo contrário, batem cabeça, não sabem a quem pertencem, a quem seguir... As

pessoas também se confundem, são induzidas ao erro. Mas sabe, meu amigo, eu quero é viver na aldeia. Não quero ficar vagando pela floresta, de povo em povo suplicando por proteção, comida ou abrigo. Preciso de um lar, de um nome, porque a terra que pertence aos meus pais me chama. Aliás, sabia que os povos lá do sul me chamam de homem sem-alma e sem-terra, ou mesmo de amaldiçoado? Pois então, estou de volta porque o pajé me explicou que devo te matar para tomar o teu lugar. E até já tenho uma noiva!

— Isso foi tudo planejado? Eu não sabia de nada. Não é justo! Onde está esse pajé? Tem que haver uma outra solução! — bravejou Pokrane, andando de um lado para o outro.

De repente, aproveitando o descontrole de Pokrane, Kren preparou a sua arma e lançou-se sobre ele. Embora partilhassem a mesma compleição física, curta e forte, Pokrane era mais rápido do que Kren. Com as mãos agarrou a arma do oponente e a arremessou a uma longa distância.

A jovem enamorada, que perambulava não muito longe dali, aproximou-se para conferir o que ocorria. Ficou estarecida ao ver dois "Pokranes" numa luta mortal. Tentou se aproximar, mas uma mão envelhecida e inesperada a puxou pelo ombro:

— Minha jovem, deixa o teu guerreiro libertar uma de suas almas deste mundo. Elas não estão em paz e ele precisa lutar para resolver isso. Não se preocupe, o seu amado voltará para ti.

A moça sentiu um misto de medo e paz, enquanto acompanhou o pajé desaparecer sorrateiro. Então, sentiu que deveria voltar para a aldeia — aquele momento era só de Pokrane.

Algumas horas depois, a jovem e outros Krenak da aldeia viram fumaça no alto da floresta. Uma fumaça familiar, do fogo que se faz aos mortos ou às almas que encontraram a paz. De volta à aldeia, o vitorioso Pokrane olhou para a jovem e declarou:

— Prepara a casa. Eu vou me casar com você. Minha alma te escolheu antes dos meus olhos.

Em seguida, tomou a sua lança e foi caçar. No coração sentia felicidade por voltar ao seu mundo. E também estava perturbado. Piolhos e formigas pareciam lutar na sua cabeça. Aquele era meu irmão! Eu matei meu irmão! Ele me chamou de sua própria alma encarnada. Eu o chamei de irmão de luta.

Depois daquele episódio, anos depois, mais mórbido e constante ficou o silêncio de Pokrane. Quando enfim se tornou uma liderança, asseverou:

— Não pode haver gêmeos entre nossa gente krenak!

POVO KRENAK



Os Krenak ou BORUM, os últimos Botocudos do Leste, pertencem ao grupo linguístico macro-jê e falam uma língua denominada borum. Apenas as mulheres com mais de quarenta anos são bilíngues, enquanto os homens, jovens e crianças de ambos os sexos são falantes apenas do português. Nos últimos três anos há esforços para que as crianças voltem a falar o borum. O termo botocudo foi atribuído pelos portugueses no final do século XVIII aos grupos que usavam botoques auriculares e labiais. São conhecidos também por Aimorés, designação dada pelos Tupi, e por grén ou krén, sua autodenominação. Krenak é o nome do líder do grupo que comandou a cisão dos Gutkrák do rio Pancas, no Espírito Santo, no início do século XX. Localizavam-se, naquela época, na margem esquerda do rio Doce, em Minas Gerais, entre as cidades de Resplendor e Conselheiro Pena, onde estão até hoje, numa reserva de 4 mil hectares criada pelo SPI, que ali concentrou, no fim da década de 1920, outros grupos botocudos do rio Doce: os Pojixá, Nakre-Ehé, Miñajirum, Jiporók e Gutkrák, sendo este o grupo do qual os Krenak haviam se separado.

Verbetes original de Maria Hilda B. Paraiso, *Enciclopédia dos Povos Indígenas no Brasil* (ISA). Fonte: <<http://bit.ly/2YeKqTh>>.

GLOSSÁRIO



BORUM: pessoa de verdade.

MUNDURUKU: povo indígena de tradição guerreira, natural do vale do Tapajós, no estado do Pará, que se autorreconhece como Wuy Jugu.

WATU: rio Doce; o grande deus criador.



EDSON KRENAK é filho do povo krenak, descendente dos Botocondos, da antiga aldeia de Procrane. Seus pais e avós nasceram e viveram às margens do Watu (rio Doce), de onde ele também guarda lindas memórias, como a da narrativa do livro *O sonho de Borum* (Autêntica, 2016), vencedor do 10º Concurso FLNIJ/UKA Tamoios de Textos de Escritores Indígenas, em parceria com o Instituto Indígena Brasileiro para Propriedade Intelectual (Inbrapi), por meio do Núcleo de Escritores e Artistas Indígenas (NEArin). Edson é escritor, doutorando em antropologia na Universidade de Viena, na Áustria, e graduado em letras e em estudos literários pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). No Instituto UK'A, trabalha com outros escritores e artistas indígenas na promoção e valorização das narrativas e culturas indígenas em espaços urbanos através da Caravana Mekukradjá.





POVO KURÂ-BAKAIRI





KAUDYLY UMENOBRY, NOS PRIMÓRDIOS DOS TEMPOS

Mito de criação kurâ-bakairi



ESTEVÃO CARLOS TAUKANE

No início do mundo, quando os KURÂ-BAKAIRI DOMODO moravam sob um imenso pé de jatobá, reinava uma escuridão quase completa na Terra. Naquela condição, os animais, os peixes e as plantas falavam uma mesma língua. A pouca luz existente estava sob o controle do urubu-rei, que iluminava somente o que havia perto de si.

O primeiro homem a existir, segundo a mitologia, chamava-se Kuamôty e tinha ARIPE como companheira.

Certa vez Kuamôty saiu para uma caçada, que era seu hobby predileto. Na volta para casa, ou melhor, para sua aldeia, encontrou uma tremenda onça, um certo jaguar conhecido pelo nome pomposo de Ikiumani, que tinha a companhia de mais quatro irmãos de sangue.

Kuamôty, na qualidade de destemido caçador, sofreu uma forte ameaça por parte de Ikiumani, que prometeu comê-lo vivo! Diante disso, Kuamôty sentiu-se obrigado a fazer uma promessa de casamento das filhas, que nunca existiram, apenas para desvencilhar-se da tragédia anunciada:

— Meu bom sobrinho Ikiumani, não faça isso comigo, pois tenho cinco belas meninas, todas solteiras, para casar com vocês. Prometo lhes dar todas em casamento.

Diante da possibilidade concreta de ganhar cinco "meninas suculentas", o Ikiumani abriu mão de sua ferocidade, deixando o nosso caçador ancestral seguir seu caminho de volta para o seu lar ou hábitat.

Assim, o felino Ikiumani, muitíssimo feliz, contou aos seus irmãos sobre o acordo feito entre ele e o generoso Kuamôty, anunciando em tom solene:

— Daqui para a frente a nossa vida vai mudar. Passaremos a ser amigos do bondoso Kuamôty. E não mais inimigos!

Quando o TAKO kuamôty chegou em casa, bastante abalado por aquele encontro, foi logo entregando a caça para sua solícita aripe e contou para a velha companheira o encontro que tivera com a onça Ikiumani. Relatou a seguinte passagem:

— Ikiumani e seus irmãos me fizeram ameaças de morte. E, sob pressão, tive que mentir para escapar das garras deles.

— Que absurdo de mentiras você contou? — quis saber a preocupada aripe.

— Falei que temos filhas e as prometi em casamento...

— Você sabe muito bem que não temos filhas! E agora? — desesperou-se a angustiada primeira-mãe-avó.

A partir desse tragicômico episódio, o longo casal de nossos ancestrais pôde visualizar melhor o futuro. E eles

começaram a botar a cabeça para funcionar: decidiram que os dois iriam trabalhar juntos para criar e dar vida às mulheres prometidas aos irmãos-onça-humano-primitivos.

Já no dia seguinte, com muita fé e união, o velho guerreiro Kuamôty e a calejada aripe empreenderam uma verdadeira caçada pela floresta, em busca de uma árvore especial. Encontrando-a sem muita dificuldade, cortaram a sua madeira e a esculpiram no formato de gente. Ao redor dessa mesma tora, na sequência, entalharam um pilão. Depois deixaram o forno, a panela, o milho, a peneira e o fogo aceso, e clamaram aos céus que ali um milagre se realizasse. Então, estrategicamente, saíram do local do ritual e retornaram à casa.

No dia seguinte, o primeiro mestre voltou ao local andando devagarinho para escutar qualquer barulho que denunciasse a presença humana e, para sua surpresa, acabou ouvindo a risada de muitas pessoas. Assim, imbuído do espírito de luz superior, muito se alegrou com o sucesso de sua experiência. Entretanto, ao se aproximar, a madeira se despedaçou... Que decepção! Foi assim a primeira tentativa. E na segunda, aconteceu a mesma coisa.

Tinham que buscar um outro tipo de madeira, porque com aquelas não havia funcionado. Criativo, o nosso supremo pajé decidiu usar a madeira chamada atunamagalo, e a benzeu ao sair do local mágico. Quando amanheceu, ele retornou e por ali ouviu o barulho do pilão socando em ritmo compassado — tum... tum, tum... tum! — e os tocos esculpidos tinham se transformado em animadas e laboriosas mulheres!

Autor dessa estupenda experiência, o senhor da vida comemorou e ficou completamente maravilhado com a singeleza de sua própria criação:

— Agora, sim, deu certo!

Tão logo chegou ao local, foi visto e recebido pelas moças com efusivos cumprimentos:

— Papai, estamos preparando a **CHICHA** para você!

Para decepção do sábio, contudo, as moças prometidas aos irmãos de Ikiumani não tinham dentes nem cabelos. Por isso, nosso antepassado resolveu botar alguma coisa nas suas bocas para fazê-las sorrir. Mas nada de bom aconteceu, motivo pelo qual tratou logo de colocar carvão na boca das meninas. Ao pedir que elas abrissem seus sorrisos, não aprovou; em vez do branco dos dentes transparecia tudo em preto. Numa nova tentativa, decidiu colocar dentes de pedra nas moças. Com esses dentes, porém, elas não conseguiam mais parar de comer. Eram muito **IEGAJÍ!** Para o nosso deus Kuamôty, aquele era um mau comportamento. Então foi preciso fazer mais uma tentativa, desta vez com as sementes da mangaba. E foi justamente essa a alternativa aprovada com louvor, para a alegria do nosso criador ancestral, que até se surpreendeu com os dentes superbonitos e os cabelos feitos da seda de tucum.

E foi assim que ocorreu o milagre da criação. Naquele ambiente de felicidade, tendo já criado belas mulheres, o pai e senhor da vida começou prontamente a nomear cada uma delas, de modo que a primeira foi chamada de Ihogue;

a segunda, Atunamagalo; a terceira, Axumbanalo; a quarta, Yukamaniru; e a quinta, Ereiru.

Para selar o desfecho e a apresentação daquele ato criativo original, restava realizar o casamento coletivo das mulheres prometidas, para o qual foram convidados todos os bichos da floresta. Houve então um ritual para celebrar os matrimônios, mas nem todos os casais foram felizes após a cerimônia; parte deles não conseguiu chegar ao seu destino, uns morreram durante a viagem e outros tiveram trágicos fins. Ao que tudo indica, o casamento entre as nossas ancestrais e os irmãos-onça da família Ikiumani, ao contrário de outros eventos, não nos trouxe a paz tão esperada e necessária...



POVO KURÂ-BAKAIRI



Os Bakairi se autodenominam Kurâ, que significa gente ou ser humano. Eles desconhecem a origem do nome bakairi, registrado nas crônicas históricas regionais desde o século XVIII.

Antes da abertura dos campos de pouso e rodovias, eram os Bakairi que controlavam o acesso das expedições científicas ao alto Xingu, onde parte deles morava. Hoje vivem todos a sudoeste dessa área, como pescadores e agricultores, sobretudo mandiocueiros, como os demais Karib.

A língua bakairi pertence à família karib. Segundo os estudiosos, ela apresenta elementos comuns às línguas dos Arara e Tzikão e outros às dos Nahukwá, Kuikúru e Kalapalo. Todos os Bakairi falam a sua língua, assim como o português. Desde a década de 1960, missionários do Summer Institute of Linguistics (SIL) traduzem textos bíblicos para a língua bakairi. Cartilhas para alfabetização na língua materna foram por eles elaboradas; tais trabalhos tendem a uniformizar as diferenças internas da língua.

A mitologia bakairi é riquíssima, apresentando muitos elementos comuns à alto-xinguana. Ela narra a origem do mundo, dos gêmeos demiurgos, dos rios, do dia e da noite, do sol, assim como a transferência de bens que pertenciam ao mundo animal — a mandioca, a rede, dentre eles — para os Bakairi. Os grandes rituais do kado rememoram, através dos cânticos, a parte essencial desse processo, como se estivessem recriando o mundo. Vivem no esta-

do de Mato Grosso, nas Terras Indígenas Bakairi e Santana. Em ambas predomina o cerrado. Santana situa-se no município de Nobres e tem o seu nome emprestado de um afluente do rio Novo que, desenhando parte dos seus limites, desce em busca do Arinos, tributário do Juruena, afluente do Tapajós. A Terra Indígena Bakairi, na sua quase totalidade, localiza-se no município de Paranatinga, à margem direita do rio Paranatinga ou Telles Pires, afluente do Tapajós. Uma parte dela situa-se no município de Planalto da Serra, à margem esquerda daquele rio. Nas suas vizinhanças encontram-se o morro do Urubu, o morro do Daniel e parte da serra Azul. Os centros urbanos que mais influências exercem na vida dos Bakairi são Nobres, Paranatinga e Cuiabá, a capital do estado.

Verbetes original de Edir Pina, *Enciclopédia dos Povos Indígenas no Brasil* (ISA). Fonte: < <http://bit.ly/2Grunvm> >.

GLOSSÁRIO



ARIPE: anciã ou mulher de idade avançada na língua kurâ-bakairi.

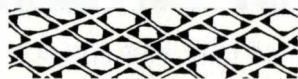
CHICHA: bebida indígena fermentada de milho, mel e frutas silvestres.

IEGAJÍ: gente que se alimenta além do limite.

KURÂ-BAKAIRI DOMODO: o coletivo dos Kurâ.

TAKO: ancião ou avô de todos na comunidade kurâ.

ESTEVÃO CARLOS TAUKANE é liderança tradicional indígena do povo kurâ-bakairi, da aldeia Pakaera, que se divide entre os municípios de Paranatinga e Planalto da Serra, Mato Grosso. Pesquisador, graduado em filosofia pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), foi o organizador da publicação *Vocabulário Bakairi-Português, Português-Bakairi* (Summer Institute of Linguistics – SIL, Brasília, 1978). Ex-técnico de indigenismo na Fundação Nacional do Índio (Funai), foi presidente da Federação dos Povos Indígenas de Mato Grosso (Fepoimt) e atuou na Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab), no Distrito Federal, em 2003.





A marca FSC® é a garantia de que a madeira utilizada na fabricação do papel deste livro provém de florestas que foram gerenciadas de maneira ambientalmente correta, socialmente justa e economicamente viável, além de outras fontes de origem controlada.

Esta obra foi composta em Amiko Regular e impressa pela Lis Gráfica em ofsete sobre papel Pólen Bold da Suzano S.A. para a Editora Schwarcz em agosto de 2019

narrativas conduzem o leitor por situações e desenlaces muito próprios, acompanhadas por um glossário e um texto informativo sobre o povo indígena de origem de cada autor. Esta é uma chance preciosa para todos aqueles que desejam entrar em contato com as raízes culturais mais profundas de nossa gente, ainda pouco valorizadas e respeitadas por puro desconhecimento.



MAURICIO NEGRO é ilustrador, escritor, designer e pesquisador. Também é gestor e consultor de projetos com temas culturais, socioambientais e identitários, sobretudo relacionados à diversidade brasileira. Já recebeu diversos prêmios e certificações, como o White Ravens, o Noma, o Prêmio Jabuti, entre outros. Há mais de vinte anos coordena o Negro Design Studio na elaboração de projetos no segmento editorial, audiovisual e sociocultural.

As sociedades indígenas são movidas pela magia dos mitos — narrativas ancestrais que apresentam o nascimento do mundo, dos seres e dos homens. Ouvi-las, senti-las e lê-las é mergulhar em um infinito que nos une com o desconhecido. É, sobretudo, alimentar nosso espírito com o mistério presente em todas as coisas, independente de quem somos, de como vivemos e do que temos.

O que importa é a nossa origem: o coração do Mistério, para onde também retornaremos. É tudo isso que a leitura dessas narrativas desperta. Para senti-las, temos de aprender a ler o silêncio que habita cada ser e ser o silêncio que nos habita.

Daniel Munduruku ←←

ISBN 978-85-7406-864-0



9 788574 068640